

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM HISTÓRIA

JANETE DA ROCHA MACHADO

POVOADO MISSIONEIRO: CENOGRAFIA DO BARROCO
A IGREJA E O TEATRO DA VIDA

Porto Alegre
2007

JANETE DA ROCHA MACHADO

**POVOADO MISSIONEIRO: CENOGRAFIA DO BARROCO
A IGREJA E O TEATRO DA VIDA**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de Bacharel pelo curso de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Arno Alvarez Kern

Porto Alegre
2007

JANETE DA ROCHA MACHADO

**POVOADO MISSIONEIRO: CENOGRAFIA DO BARROCO
A IGREJA E O TEATRO DA VIDA**

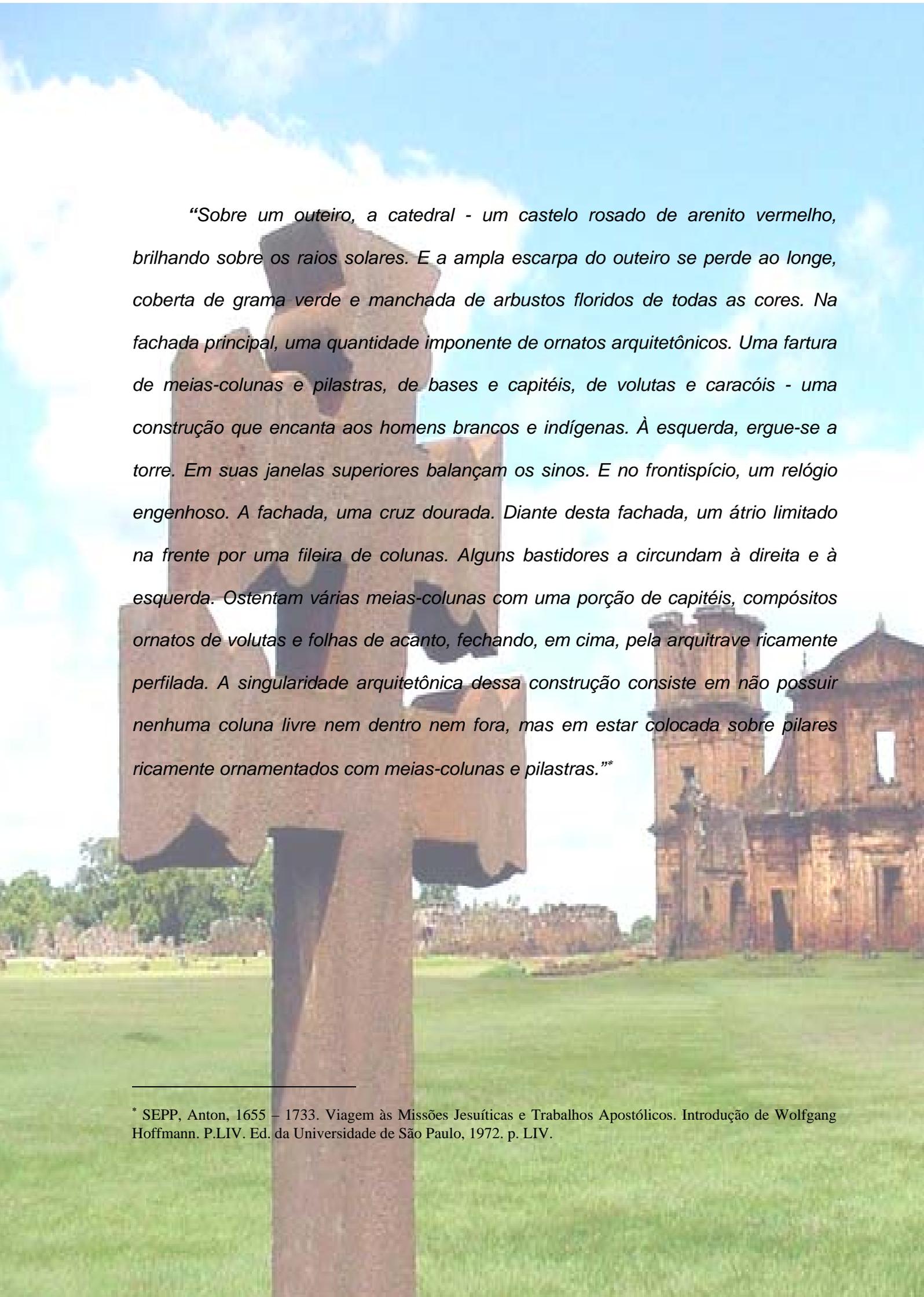
Monografia apresentada como requisito para a obtenção do grau de Bacharel pelo curso de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Arno Alvarez Kern - PUCRS

Examinadora: Prof^a. Dr^a. Claudia Musa Fay - PUCRS

Examinadora: Prof^a. Dr^a. Janete Abrão - PUCRS



*“Sobre um outeiro, a catedral - um castelo rosado de arenito vermelho, brilhando sobre os raios solares. E a ampla escarpa do outeiro se perde ao longe, coberta de grama verde e manchada de arbustos floridos de todas as cores. Na fachada principal, uma quantidade imponente de ornatos arquitetônicos. Uma fartura de meias-colunas e pilastras, de bases e capitéis, de volutas e caracóis - uma construção que encanta aos homens brancos e indígenas. À esquerda, ergue-se a torre. Em suas janelas superiores balançam os sinos. E no frontispício, um relógio engenhoso. A fachada, uma cruz dourada. Diante desta fachada, um átrio limitado na frente por uma fileira de colunas. Alguns bastidores a circundam à direita e à esquerda. Ostentam várias meias-colunas com uma porção de capitéis, compósitos ornatos de volutas e folhas de acanto, fechando, em cima, pela arquitrave ricamente perfilada. A singularidade arquitetônica dessa construção consiste em não possuir nenhuma coluna livre nem dentro nem fora, mas em estar colocada sobre pilares ricamente ornamentados com meias-colunas e pilastras.”**

* SEPP, Anton, 1655 – 1733. Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos. Introdução de Wolfgang Hoffmann. P.LIV. Ed. da Universidade de São Paulo, 1972. p. LIV.

“Por armas essa gente foi conquistável”.

Pe. Antonio Ruiz de Montoya

AGRADECIMENTOS

A realização desse estudo não seria possível sem o apoio e participação de algumas pessoas especiais:

À minha família, meus amigos e colegas, parceiros de estudos, os professores do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas desta Universidade;

À professora de Língua Portuguesa Catarina Tolotti pela correção deste trabalho;

À professora Claudia Musa Fay, orientadora da disciplina de monografia, pelos conselhos e observações;

Também à professora Janete Abrão pela análise e observações finais;

Ao colega e artista Marcos Fallavena, pela confecção dos desenhos que ilustram este trabalho,

E, principalmente, ao Professor Dr. Arno Kern, o qual com seu conhecimento, sua orientação e acompanhamento possibilitou-me alcançar os resultados desse trabalho.

A todos o meu muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho se propôs a desenvolver uma análise do processo de catequização, e da relação que se estabeleceu entre os habitantes da região dos Sete Povos das Missões Jesuíticas, hoje o Estado do Rio Grande do Sul e os missionários jesuítas, provenientes da Companhia de Jesus, no século XVIII, evidenciando a arte e a arquitetura como objetos de persuasão e atração para a fé e para a catequese. A investigação teve como foco principal não só a análise do barroco identificado no Sítio de São Miguel Arcanjo, através da igreja do mesmo nome, como também pela estrutura urbana montada na redução, objetivando a visualização de um núcleo organizador configurado pela grande praça.

Palavras-chave: Catequização, Arte e Arquitetura, Índio Guarani, Jesuíta.

ABSTRACT

This work has proposed developing an analysis of the issue of catechism and from relation that it established among the inhabitants from region from the Seven People from the Missions Jesuits, today the status of the River Big of the South & the missionaries Jesuits, deriving from Society of Jesus, into the 18th century, make evident the art & the architecture as objects of persuasion & attraction for faith & for catechism. The investigation had as focus principal will not only the analysis of the quaint identified into the Site of São Miguel Arcanjo, via the church of the even name, as well as by urban structure assembled on reduction to intend the visualization by one nucleus organizer configured by big plaza

Keywords: Catechism, Art and Architecture, Guarani Indian, Jesuit.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ruínas da Igreja de São Miguel Arcanjo.....	16
Figura 2 - Localização dos sítios arqueológicos.....	19
Figura 3 - Os Sete Povos das Missões	30
Figura 4 - Mapa do Itatim, Guairá e Tape e as Rotas dos Bandeirantes.....	31
Figura 5 - Minas de Potosi (1585)	34
Figura 6 - Potosi: Um Mito Europeu	35
Figura 7 - Grandes casas indígenas Guarani.....	52
Figura 8 - Planta típica de uma redução	53
Figura 9 - Reconstituição da Redução de São Miguel – século XVIII	54
Figura 10 - Igreja de São Miguel Arcanjo – 1846 – Demersey	58
Figura 11 - Reconstituição da Igreja de São Miguel Arcanjo.....	59
Figura 12 - O padre e o índio - Momento de aprender a catequese.....	65
Figura 13 - O Jesuíta e o Coral de Guaranis.....	73
Figura 14 - Procissão de Corpus Christi.....	80

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OS GUARANIS	17
2.1 O Processo de Guaranização do Rio da Prata	17
3 O ENCONTRO DAS CULTURAS NA AMÉRICA	22
4 O CONTATO: DA ALDEIA GUARANI AO POVOADO MISSIONEIRO	24
5 AS REDUÇÕES JESUÍTICAS DO PARAGUAI.....	29
6 AS REFORMAS RELIGIOSAS.....	37
6.1 O Exército da Contra-Ofensiva	39
7 A CATEQUESE NAS REDUÇÕES.....	40
7.1 A Companhia de Jesus.....	40
8 BARROCO.....	45
8.1 Origens e Definições.....	45
8.2 A Arte da Contra-Reforma	47
9 ARTE E ARQUITETURA	50
9.1 Arquitetura Barroca nas Missões.....	50
9.2 Igreja de São Miguel Arcanjo.....	57
10 ARTE E EVANGELIZAÇÃO	62
10.1 A Idéia da Arte Servindo à Religião	62
10.2 A Música nas Missões	69
10.3 O Teatro	73
10.4 As Festas	76
11 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82

REFERÊNCIAS.....	85
ANEXO A - Detalhes do Sítio de São Miguel Arcanjo/RS	89
ANEXO B - Menina Guarani.....	91
ANEXO C - Sino de São Miguel	92
ANEXO D - Cruz Missioneira.....	93

1 INTRODUÇÃO

Un Jesuita paraguayo decide tomar contacto con una comunidad guaraní aislada que vive en plena selva. Moralmente, está seguro de que será aceptado y hasta adoptado por los indios: le bastará, piensa, presentarse a ellos como el sucesor de esos padres que hicieron tanto por sus antepasados. Acogido por todos miembros de la tribu, con esa cortesía distante que los caracteriza, comienza el relato que preparó mucho tiempo y repitió mil veces mentalmente. Los indios lo escuchan en silencio, mirándolo con ojos sin expresión. Apenas terminó lo que tenía para decirles, los indios, uno por uno, le dan la espalda y se retiran. Solamente un anciano permaneció allí, esperando una probable pregunta, que no tardo en llegar: Por qué actuaron así? Dice el sacerdote; el anciano le contesta: Porque los padres que nos amaban se fueron hace mucho... Esta historia, verídica según la persona que me la transmitió hace más de veinte años, talvez sea solo una leyenda, pero aqui leyenda no es menos significativa que la realidad.¹

É desafiador estudar um dos mais geniais capítulos do passado cultural sulino que se fez presente entre os séculos XVI e XVIII na região das Missões Jesuíticas dos Guarani², e que de um modo fértil inspira desde simples curiosos até os mais conceituados pesquisadores, historiadores e arqueólogos do ramo. É a pura riqueza da tradição e do legado missioneiro que se faz presente no fato antropológico da importante formação do gaúcho brasileiro.

O exercício de reinterpretar aspectos sobre os Sete Povos das Missões, fez-me mais conhecedora do imenso cenário do qual brotaram e floresceram as reduções, fundadas sob a direção dos jesuítas, revelando a grandeza das obras da Igreja e dando precedentes à origem do Rio Grande do Sul. Esta experiência missionária que ficou conhecida como “Conquista Espiritual”, título da obra clássica, escrita pelo Padre Antônio Ruiz de Montoya³, e que tem sido ao longo dos anos, uma das fontes mais importantes sobre o fato histórico, deixou marcas no Novo

¹ ABOU, Selim. **La República Jesuítica de los Guaranies (1609-1768) y su herencia**. Buenos Aires: Manrique Zago Ediciones, 1996, p.12. Este autor soube captar os vestígios da presença jesuítica ainda entre os guaranis atuais.

² Nomes tribais são escritos com a inicial maiúscula quando assumem função substantiva, e com minúscula na função adjetiva. Não se leva em conta, em nenhum destes casos, flexões de gênero e número. Termos e expressões em idioma indígena conforme convenção definida pela ABA – Associação Brasileira de Antropologia.

³ Missionário da Companhia de Jesus na América do Sul, foi apóstolo dos índios e agente tenaz de uma ação cultural, pastoral e apologética, como o foram os primeiros apóstolos do cristianismo na América.

Mundo, e constituiu-se em um tema bem discutido, mas que ainda hoje apresenta muitas possibilidades de interpretação, conforme Kern.⁴

Este contato mais estreito com a experiência missioneira, através da pesquisa, arraigou sentimentos muito fortes, propiciando uma sensação de ter vivido no período estudado, bem como ter estado junto aos guaranis e aos padres jesuítas. Um verdadeiro entrelaçamento com a História. É como se hoje não existissem as ruínas, mas todo um complexo ordenado, vivo, pulsando, com cor e movimento. É sentir-me como parte integrante, permanente e indissociável das paisagens, que hoje emolduram e embelezam a região das Missões, bem como dos alicerces onde está encravada toda uma história de lutas e de grande desenvolvimento econômico, social e intelectual de seus personagens. Assim, através da vontade de conhecer sempre mais, e responder as dúvidas que atordoam o entendimento, mas que ao mesmo tempo me instigam, procuro as respostas aqui e ali, em toda a bibliografia possível, quero saber como esta experiência notável, singular na historicidade da humanidade, mostrou ao mundo que, enquanto o continente americano era considerado selvagem, nas pradarias orientais do Rio Uruguai aflorava nos séculos passados uma experiência construída por um conhecimento fundado.

Este trabalho pretendeu analisar o modelo de evangelização mais bem planejado, aperfeiçoado e aplicado, com relevante êxito desenvolvido na América, pelos jesuítas, evidenciando a arte e a arquitetura como objetos de persuasão e atração para a fé e para a catequese. A investigação que aqui se desenvolveu, teve como foco principal, o estudo do barroco, identificado na Redução de São Miguel Arcanjo, e na Igreja do mesmo nome, situada na Região das Missões, no Estado do Rio Grande do Sul, hoje patrimônio histórico da humanidade pela UNESCO. A curiosidade, o gosto pela temática obviamente foram decisivas, mas de outra forma, também, aguçaram-me, tanto a historiografia, bastante extensa e de fácil acesso, como também as aulas do professor e orientador Dr. Arno Alvarez Kern.

A partir do tema delimitado, surgiu a seguinte indagação: como os Guarani se deixaram catequizar por homens que pregavam a negação de elementos centrais de

⁴ KERN, Arno. Pesquisador, professor, arqueólogo e orientador dessa pesquisa.

sua cultura e religião, como o politeísmo, a poligamia e a antropofagia? A partir da problemática levantada, este estudo tentou mostrar de que forma deu-se o processo catequético com os Guarani e quais as estratégias utilizadas pelos padres jesuítas neste intento. Baseado nas estruturas da Redução, onde os missionários tencionavam converter à fé católica todos os nativos da América, pôde-se perceber que as reduções apresentavam um modelo de missão evangelizadora, profundamente organizado e devidamente amparado pelo aparato hierárquico institucional.

E para responder ao questionamento acima apresentado, a presente pesquisa partiu da hipótese de que a conquista espiritual empreendida pelos jesuítas, contrariamente à conquista armada, se fez essencialmente pela persuasão. E neste encontro específico, tendo de um lado as populações indígenas, povo semi-nômade, disperso e indefeso (em choque com a ação dos invasores bandeirantes), e de outro, o missionário catequizador, a serviço da Coroa. Momento este que se dá através da arte barroca, o cenário idealizado e erguido monumentalmente através da grande protagonista: a Igreja.

Para viabilizar este trabalho, partiu-se primeiramente da leitura e coleta de dados em bibliografias sugeridas pelo professor orientador. A partir do “Ensaio bibliográfico sobre as Missões Jesuítico-Guaranis Platinas”⁵ de Arno Kern, procurou-se localizar e focar o tema proposto para esta pesquisa. Algumas bibliografias foram referências básicas para estudar as missões. Inserem-se como fundamentais, a obra de Ruiz de Montoya, “A conquista espiritual” – 1639, já referendada nesta introdução. Igualmente importante, estão os trabalhos de Antônio Sepp em “Viagens às Missões Jesuíticas” - 1698, e “Trabalhos Apostólicos” - 1710. No campo da antropologia e para aprofundar a questão da conquista, persuasão e catequese, foi lida a obra de Bartolomeu Meliá, “O guarani conquistado e reduzido” - 1986. Dentre os historiadores, foram estudados, Aurélio Porto, “História das Missões Orientais do Uruguai”, (1954), Guillermo Furlong, “História Social y Cultural del Rio de la Plata: 1536-1810, (1969) e Arno Kern, orientador da pesquisa em questão, com “Missões:

⁵ KERN, Arno. **Ensaio bibliográfico sobre as Missões Jesuíto-Guarani Platinas**. Porto Alegre: PUCRS, 1990.

uma utopia política”, (1982), “No campo da arte e arquitetura, as publicações de Ramón Gutierrez, pesquisador e também arquiteto, são referências básicas para estudar este tema. Entre elas, a que foi analisada nesta investigação, “As Missões Jesuíticas dos Guaranis” (1987). E, para compreender inicialmente o barroco, foi referência, “A História Social da Arte e da Cultura, de Arnold Hauser, publicada em seis volumes, onde foi estudada, mais especificamente, a questão do barroco, conceito e barroco nas cortes católicas e o barroco da burguesia protestante. E, não menos importante, o trabalho de Maria Cristina Martins sobre “Festas e Celebrações – as reduções do Paraguai (séculos XVII e XVIII)” (2006), que possibilitou um entendimento melhor sobre as festas e a relação destas com o ensino e introdução da doutrina cristã e da cultura ocidental aos indígenas.

E, finalmente, a história da ação missionária da Companhia de Jesus foi analisada através das obras de Serafim Leite, História da Companhia de Jesus (1938), e de Ludovico A. Muratori, “O Cristianismo feliz nas Missões Jesuíticas” (1743), que, ao escrever, objetivava propagar na Itália a obra missionária dos religiosos na América, que era, até então, desconhecida.

Colaboraram, também, para a análise, algumas leituras teóricas, as quais deram suporte a essa pesquisa. Procurou-se estudar desde os primórdios da conquista espanhola na América, quando o “contato” entre europeus e as populações indígenas ocasionou um impacto expressivo resultando na “ocidentalização” de que fala Gruzinski. Assim, a pesquisa nos estudos deste autor e de sua obra “A colonização do imaginário” (1988) tentou buscar de que forma se deu o processo de aceitação da nova religião pelos índios. No caso dos grupos indígenas do México de que trata especificamente este autor, houve a substituição de antigas imagens por novas, trazidas pelos europeus. E estas novas representações faziam parte de um repertório cristão. No caso dos Guaranis, a prática se fazia diferente, pois prevaleciam as imagens européias sobre um povo que ainda não as tinha. Era uma cenografia que priorizava sempre o divino, em todos os segmentos da arte barroca.

Este estudo pretendeu também ressaltar o trabalho dos Jesuítas, através de uma análise crítica de quem pesquisa, oportunizando interpretações que

agrupassem significativos dados históricos, bem como dar enfoque às atividades catequéticas que os missionários desempenharam, descrevendo e valorizando-os como personalidades que tiveram um papel fundamental na constituição histórica do Brasil.

E para melhor compreender a proposta deste trabalho, algumas citações documentais foram traduzidas e outras encaminhadas para as notas de rodapé da página. Quanto às ilustrações que acompanham essa monografia, foram todas criadas por Marco Fallavena⁶, que além de artista, é também um apaixonado pelas Missões Jesuíticas. Além disso, compõe esse estudo, a produção de uma animação digital⁷, com música de Ennio Morricone, do filme *A Missão*. Esta animação foi elaborada a partir de dois pôsters, cujos desenhos também são criações do desenhista Fallavena. O primeiro trabalho, o “Povoado Missioneiro: Cenografia do Barroco” foi concretizado para a XI Jornadas Internacionais Jesuíticas, realizada na PUCRS em 2006, e atualmente pode ser visualizado no site do PROPRATA⁸. O segundo desenho, que auxiliou na elaboração da animação, foi a Igreja de São Miguel Arcanjo, construída em 1735 pelos jesuítas e pelos índios Guarani. É importante salientar que ambos os trabalhos foram reconstituições do século XVIII, ancoradas nas pesquisas e em consultas ao professor orientador Dr. Arno Kern.

E, finalmente, após uma brevíssima contextualização e análise das Reduções, apoiada numa verdadeira memória histórica, seguiu-se o estudo, tentando, com o máximo de fidelidade, reconstruir o cenário, e justificar o processo, o qual deu sustentação para esta história de longa duração na região missioneira do Rio da

⁶ FALLAVENA, Marco. **Desenhos da monografia.** Disponível em: <<http://marcosfallavena.vilabol.uol.com.br/>>. Acesso em: 01 set. 2007.

⁷ A animação e os efeitos de som foram feitos no Flash, software da Macromedia, especial para esse tipo de trabalho, e os desenhos foram elaborados no programa Fractal Design Painter da Corel. Ele funciona como um simulador de pintura trabalhando junto com a mesa digitalizadora, o desenho é feito como se fosse em papel utilizando as ferramentas do Painter e escolhendo o tipo de textura, tinta, técnica de pintura, etc. Depois de concluídos, os desenhos são importados no Flash e através de uma régua de tempo, se anexam às imagens em uma seqüência previamente estudada para os efeitos de animação. É como se fosse a elaboração de um pequeno filme e a edição de quadros. Através dessa mesma régua de tempo se escolhe o momento exato da entrada da música, para que junto com a imagem, surja o som. O processo é o mesmo de edição de filme. Depois de concluídas as etapas e com o trabalho pronto, é necessário a geração de um executável, para que qualquer computador com o sistema operacional Windows possa ler.

⁸ PROPRATA - Programa de Pesquisas Interdisciplinares da Região Platina Oriental. Coordenador Arno Kern. Disponível em: <<http://proprata.com>>. Acesso em: 20 abr. 2006.

Prata, e que, ainda hoje, realimenta não só as pesquisas científicas, como também a literatura, a música, o teatro, o cinema, as artes e o turismo, fazendo parte de uma grande variedade de culturas que integram a identidade brasileira e gaúcha.



Figura 1 - Ruínas da Igreja de São Miguel Arcanjo⁹

⁹ As fotos foram tiradas no Sítio de São Miguel - Região das Missões/RS - pela autora desta monografia em setembro de 2006 - Viagem às Missões - XI Jornadas Internacionais Jesuíticas/PUCRS.

2 OS GUARANIS

2.1 O Processo de Guaranização do Rio da Prata

Os grupos guaranis, descendentes do tronco Tupi, expandiram-se desde a Amazônia em direção ao sul do Brasil, há cerca de dois mil anos, após um episódio climático seco, acarretando uma crise na floresta equatorial amazônica. Conforme Kern, “Os Guarani desceram da Amazônia para o sul, pelos caminhos hidrográficos da bacia platina. Instalaram-se desde o sul do Mato Grosso e do Trópico de Capricórnio, até a Foz do Rio da Prata, ocupando ainda o litoral sul-brasileiro.”¹⁰

De acordo com a “História Ilustrada do Rio Grande do Sul” – RBS Publicações, os índios Guarani:

Eram bons navegadores e sabiam explorar com eficiência os recursos da floresta. Com o poder de suas armas – lanças, tacapes, arcos e flechas – e a agressividade de suas incursões guerreiras, foram expulsando os povos das terras que pretendiam.¹¹

Durante este tempo, provavelmente conheceram os primeiros cultivos e conhecimentos da fabricação da cerâmica. As migrações desses povos se intensificaram com o decorrer do tempo, pois estes grupos buscavam outras matas para cultivar e expandir-se. De acordo com Kern,

Provocaram profundas transformações culturais, modificando os padrões e os modos de vida dos pescadores e dos caçadores. O grupo mais conhecido dentre estes horticultores aldeões foram os guarani. Existiram no mundo inúmeros centros de invenção neolitizantes. Nestes, a domesticação de plantas e animais, bem como a vida em aldeias semi-sedentárias, assinalam importantes mudanças históricas.¹²

A arqueologia através do estudo da cerâmica associa os guaranis com a tradição chamada de "tupi-guarani". Pelas pesquisas do historiador e antropólogo

¹⁰ KERN, Arno. **Antecedentes indígenas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994, p. 104.

¹¹ **História ilustrada do Rio Grande do Sul**. Coordenação Elmar Bonés da Costa, Ricardo Fonseca e Ricardo Schmitd. Porto Alegre: RBS Publicações, 2004. P. 25.

¹² KERN, Arno. Coleção Arqueologia 1 – v. 2. **Anais** da VIII Reunião Científica, PUCRS, 1996.

Pedro Schmitz: “As primeiras aldeias desta tradição no Rio Grande do Sul ficavam ao longo do rio Uruguai, no noroeste do Estado. Mais tarde surgem também aldeias no Vale Alto do Jacuí, demonstrando que esses horticultores saíam em busca de outros locais para o cultivo.”¹³

Nos séculos XVI e XVII, todas as áreas da mata subtropical na costa, no planalto, na serra do sudeste e ao longo dos rios, encontravam-se ocupados pelos agricultores (ver figura 2). A vida do índio era adaptada à mata subtropical. Nela se apresentava um clima úmido, temperado, sem estação seca e com verão quente, com temperaturas que variavam entre 18 e 22 graus centígrados (médias anuais). Mas que possuía grande variação térmica, podendo haver no inverno, geadas, e no verão, um calor de até 40 graus.

Suas aldeias eram construídas em clareiras abertas na mata, em torno delas, faziam roças para o cultivo de seus produtos. Eram formadas por casas coletivas, construídas com troncos e palhas. Cada povoado era constituído de até seis casas. Porém estas aldeias não ficavam no mesmo lugar por muito tempo. Inicialmente elas fixavam-se longe dos rios, no limite entre o campo e a mata. Talvez essas terras não fossem as melhores para o cultivo, desta forma, com a expansão, as aldeias se transferiram para a região das várzeas, que tinham terras mais férteis e onde havia muita caça, pesca e cuja locomoção poderia ser feita por água. As aldeias das várzeas não tinham problemas quanto ao abastecimento da água - necessidades da casa. Geralmente ficavam sobre o dique marginal do rio, aonde as enchentes dificilmente chegariam. Neste local os guaranis poderiam obter abundantes moluscos e também retirar argila para a fabricação de seus vasilhames. No momento em que se esgotavam os recursos em um lugar, o grupo o substituíam por outro, numa área bem próxima, e com características semelhantes à anterior.

A cerâmica utilizada pelo índio servia para guardar a água, preparar bebidas fermentadas de milho e mandioca e para guardar e cozinhar o alimento. Sendo necessário para as lidas da casa, o uso de utensílios com tamanhos e formas

¹³ SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Arqueologia do RS, Brasil – Documento 05**. 2. ed. São Leopoldo: 2006. Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS. Disponível em: <<http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/documentos/documentos05.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2006.

diferentes. Arno Kern reconhece a importância do alimento e dos recipientes no site do PROPRATA, em contexto Migração Tupi-Guarani:

“Os guarani, em ambiente subtropical, se concentraram na produção do milho e da mandioca doce (ou aipim), para os quais necessitaram de outras formas de recipientes cerâmicos, de formas globulares”¹⁴.



Figura 2 - Localização dos sítios arqueológicos¹⁵

O guarani colocava seus mortos em velhas urnas, feitas também com a cerâmica, e os depositava em um cemitério próximo das casas. As mulheres eram as responsáveis pela confecção das cerâmicas, e para isso, usavam o barro, a areia, entre outros. Esse barro também era utilizado para a construção de cachimbos para inalar o fumo, tradição muito antiga entre os guaranis.

¹⁴ PROPRATA – Programa de Pesquisas Interdisciplinares da região Platina Oriental. Disponível em: <http://proprata.com/sec/contextos/holoceno/migra_tg/>. Acesso em: 10 set. 2006.

¹⁵ TERRITÓRIOS DO BRASIL, Uruguai e Argentina. **Revista Ciência Hoje**, março de 2005. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/3283>>. Acesso em: agosto de 2006.

A base do cultivo deste grupo eram os carboidratos. O trabalho era feito da seguinte forma: o corte do mato, a queimada, o cultivo na roça, e por fim a colheita. Após esta última, o guarani abandonava o terreno para efetuar novo corte em outro local. Os produtos dessa colheita eram: o feijão, a mandioca, o milho, a abóbora, etc. Porém essa produção era muito pequena, e não conseguia cobrir o consumo do ano inteiro. E, além disso, estavam os índios, sujeitos ao problema do clima, que ameaçava a colheita. Para complementar a sua alimentação, o índio guarani retirava alguns produtos do mato, entre eles, o pinhão. Sobre esta questão diz Kern: Considerado muito rico para sua dieta, era usado tanto na sua forma natural, como transformado em farinha, pão ou purê.¹⁶

Através da caça e da pesca, o grupo se provia das proteínas necessárias e indispensáveis para o seu desenvolvimento, mesmo porque ainda não existiam animais domésticos. Dentre os animais de caça, predominavam a carne de veado, gambá, porco-do-mato, anta, capivara, paca, preá, ratão-do-banhado, etc. Quanto à organização do trabalho, os guaranis tinham além de sua produção familiar, as atividades coletivas. Nas aldeias não havia especializações, mas uma divisão de tarefas femininas e masculinas. Os homens eram os responsáveis pelo mato e pela obtenção das proteínas. Já as mulheres plantavam, colhiam os produtos e também eram as encarregadas das lidas domésticas. Cada família produzia os objetos de seu uso; os homens confeccionavam as armas e ferramentas, enquanto que as mulheres fabricavam todo o vasilhame e a tecelagem utilizada. Os guaranis constituíam-se de família poligâmica. O homem poderia ter muitas mulheres, mostrando desta forma, a sua importância no grupo. Ele ocupava posição dominante sobre a mulher, pois ela era subalterna e sem destaque.

Quanto à organização política, os caciques eram considerados os líderes. Pertencentes a uma nobreza tradicional, eles não trabalhavam e eram sustentados pelo grupo. Podiam tanto ser líderes políticos, como filosóficos e religiosos. Além dos caciques, outro grupo de importância nas tribos eram os pajés, cuja função de curandeiros e guias religiosos, eram por eles executadas. Eram eles que orientavam

¹⁶ KERN, Arno. **Anotações de aula – Arqueologia**. Porto Alegre, PUCRS, 2006/II.

os guaranis quanto às enfermidades e males, buscando soluções nos rituais e magias de cura, isto é, até a chegada dos europeus, quando então o missionário toma este lugar.

No século XVI, estes horticultores guaranis se deparam pela primeira vez com os conquistadores ibéricos, colonizadores portugueses e espanhóis, e desse encontro resultará a integração de comportamentos e elementos culturais de diferentes formações e que passará a conviver em espaços comuns. Esse contato entre culturas será melhor estudado nos próximos capítulos dessa monografia.

3 O ENCONTRO DAS CULTURAS NA AMÉRICA

Pensar como identidades culturais diferentes se encontraram no passado é um belo desafio. O choque de culturas no Novo Mundo, o “achamento” da América e a conquista permitiram aos historiadores observar um dos mais instigantes momentos vivido pela História Moderna, cujo acontecimento resultaria em uma ocidentalização progressiva nas terras descobertas. A obra de Gruzinski,¹⁷ aqui analisada, mostra como este choque entre os dois povos exigiu uma série de adaptações por parte dos indígenas. O autor trata especialmente dos grupos mexicanos, índios que já tinham um alto grau de civilização, com um grande desenvolvimento técnico, científico, artístico e uma complexa organização estatal. Este historiador tenta reconstruir o passado pré-colombiano nas terras do México espanhol. No caso desta monografia, porém, a análise do contato será trazida para a cultura Guarani, índios do Sul do Brasil, mais precisamente da Região do Prata, culturalmente diferentes, mas que passaram pelo mesmo processo de que fala o autor.

Para Gruzinski é perceptível como os índios se submeteram às expectativas espanholas de cristianização e colonização, ambas impostas pelas Coroas Ibéricas, e como eles mudaram com esse processo. Mas também é notável como o europeu se tornava outro, quando se aproximava da cultura, da religião e da política dos grupos indígenas, resultando numa ocidentalização de que fala este autor. Observa-se neste artigo de Kern a influência da cultura indígena na formação do povo da região do Prata:

Assim como os conquistadores e colonizadores ibéricos marcaram de maneira indelével o continente com a sua cultura, haviam igualmente sido tocados profundamente pelas raízes culturais indígenas. Chimarrão e poncho, churrasco e palheiro, boleadeiras e fogo de chão, milho e mandioca, redes e cachimbos, tabaco e erva-mate, e tantos outros traços

¹⁷ GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário. Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI – XVIII.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

culturais, eram coisas das quais os seus antepassados açorianos, naquelas ilhas perdidas rio Atlântico, jamais haviam ouvido falar.¹⁸

Gruzinski centra-se no conceito de ocidentalização, que prefere ao de aculturação, mostrando como o descompasso entre os projetos da conquista e a sociedade colonial criou bolsões de ajustes e adaptações. O Ocidente era fascinante, com seus livros, imagens, santos e tecnologia, porém, os índios respondiam, incorporando novas palavras e conceitos aos processos de criação cultural. Ao mesmo tempo em que se conformava a modelos impostos, criavam novas combinações e se adaptavam à nova vida, preenchendo a “rede furada”,¹⁹ com a qual os europeus tentavam submetê-los.

Este esforço para a ocidentalização se valeu também pela condenação de práticas religiosas, como por exemplo, os ritos, as festas indígenas com as famosas bebedeiras, etc. E por outro lado, proliferavam imagens dos santos, das igrejas, da arte, do teatro, da música e das festas, então muito apropriadas para o objetivo dos conquistadores.

Nota-se também na fala desse autor uma inspiração na questão do simbolismo inscrito na vida cotidiana, alargando a noção do simbólico até fazê-la coincidir com o cultural. E este alargamento implicava, por exemplo, em estar atento para o fato de que culturas se construía em contato com outras, servindo como limite entre grupos, como utensílios de diferenciação. A cultura e, dentro dela, os processos de ajustes, apareciam, desta perspectiva, como um elemento estratégico

Portanto, a europeização da América indígena, teria sido não por eliminação (de uma cultura), mas por justaposições de elementos culturais em indivíduos e grupos: na língua, na arte, nas crenças e costumes, enfim, numa criatividade incessante. E é por intermédio dessa criação cultural, conforme o autor, que se pode apreender a percepção indígena do real e do imaginário de que fala o título da obra.

¹⁸ KERN, Arno A. Chinoca (ou o legado indígena de gaúchos sem memória). In: GONZAGA, Sergius; AGA, Sergius; FISCHER, Luis A. (Org.). Nós, os gaúchos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992, p. 64-70. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/indi/chinoca.htm>>.

¹⁹ Expressão que o autor se utiliza para explicar o enfrentamento constantemente redefinido entre as populações indígenas e as exigências, oscilações e retomadas do processo colonial.

4. O CONTATO: DA ALDEIA GUARANI AO POVOADO MISSIONEIRO

Os guaranis sofreram um processo de transformação quando tomados pelas duas frentes de expansão européia: a portuguesa e a espanhola. Sobre esta questão refere Kern:

A transformação cultural que leva as populações de índios guaranis ou guaranizados de suas aldeias, inseridas nas florestas tropicais e subtropicais atlânticas, ao novo espaço aberto com a instalação de povoados missionários, foi um processo histórico de transição da Pré-história para a História, motivado por uma situação criada pelo avanço das Frentes de expansão do colonialismo luso-espanhol americano.¹

Quando os portugueses e os espanhóis chegam à América, encontram os índios ainda no período paleolítico, ou seja, na pré-história, usando arcos e flechas. A partir daí, conviverão juntos, o paleolítico, o neolítico e o Barroco. É a contemporaneidade do não contemporâneo.² E isso fica claro quanto ao uso de tecnologias e padrões culturais diferentes. Portanto é a coexistência de grupos neolitizados, que passaram por uma revolução neolítica³, com europeus e outros grupos que continuaram com suas tradições milenares de pesca, caça e coleta, e que continuam até os dias atuais como populações caçadoras.

E caracterizando estas frentes, do lado português, a chamada *plantation* ou fazendas de cultivos para exportação, cujo objetivo era a obtenção do maior número possível de mão-de-obra para o trabalho. E do lado espanhol, a expansão missionária, com a vinda de padres que tinham como objetivo a catequização do indígena, bem como a sua incorporação na economia e na cultura espanhola. As *plantations* desde o início buscavam a mão-de-obra escrava. Sendo os grupos guaranis mais numerosos e adaptados à vida sedentária, eram o alvo das caçadas

¹ KERN, Arno. O processo histórico platino no século XVII: da aldeia guarani ao povoado missionário. **Estudos Ibero-Americanos**, n. XI, v. 1, 1985.

² KERN, Arno. **Anotações de aula – Arqueologia**. Porto Alegre, PUCRS, 2006/II.

³ Chama-se **Revolução Neolítica** a expressão cunhada pelo arqueólogo inglês Gordon Childe (1892/1957) para designar a fase da evolução cultural em que se deu a passagem do Homem "de parasita a sócio ativo da Natureza". Foi uma transformação que levou o o Homem a se fixar definitivamente em um local e o adaptar às suas necessidades, tendo por base uma economia produtora. O processo de transformação da relação do Homem com os animais e plantas proporcionou um maior controle das fontes de alimentação.

dos bandeirantes paulistas. Formando-se assim um comércio escravista que alcançava boa parte do Rio Grande do Sul.

Grande parte da população guarani estava em território designado à Espanha pelo Tratado de Tordesilhas, uma linha meridiana demarcatória que deveria passar a 370 léguas a poente das Ilhas de Cabo Verde, dividindo em dois o mapa da América. Assim, o que fosse encontrado ao levante desta linha seria português, tanto ao norte como ao sul, e para o poente desta linha pertenceria à Espanha. Portanto estava selado o fado das terras desconhecidas e de milhões de habitantes que nada tinham a ver com as contendidas das duas Coroas. No porvir dos séculos a seguir a região sul do continente americano sofreria constantemente com os resquícios deste tratado como um castigo pela discórdia e competitividade de grupos proferidos cristãos.

Neste período a Europa vivia sob a influência do clero e um movimento chamado de reforma religiosa, que será melhor analisado no capítulo seis deste estudo, veio combater essa influência. Com a reação da igreja católica, surgiu outro movimento, chamado de contra-reforma, esta criou novas congregações, entre elas, a Companhia de Jesus. Neste processo destacaram-se os jesuítas, catequizadores enviados à América para ampliar a influência da igreja, através da cristianização dos povos indígenas.

A conversão dos índios, inicialmente, foi feita através das missões, um tipo de catequese que não trouxe os resultados esperados, pois o guarani voltava sempre para a mata e para os costumes de seu povo. Da mesma forma, ocorriam os movimentos de resistência contra o colonizador. Conforme nos mostra Bartolomeu Meliá no texto abaixo:

Los movimientos de resistencia activa contra la invasión y la dominación española por parte de los indios guaraní fueron mucho más numerosos que lo que deja entender la historiografía tradicional, que habla sobre todo de alianza hispano-guaraní y de mestizaje. Entre 1537 y 1616 los documentos

históricos registran nada menos que veinticinco rebeliones de los guarani contra la colonización española.⁴

Com a necessidade de garantir a posse dos territórios e defender as fronteiras, a Espanha, através dos jesuítas, organizou as chamadas reduções, que eram locais definidos para estes fins. A redução⁵ constituía um espaço de caráter sedentário, que buscava a conversão dos índios ao cristianismo por meio do ensino da doutrina católica e da prática dos bons costumes.

As Reduções configuraram-se como uma forma de controle do poder possível dentro do sistema colonial, e buscaram um domínio sobre a vida do indígena em sua totalidade: o trabalho manual, a organização familiar, a educação, a política, o lazer, a defesa militar e a religião. Montoya, assim definiu o termo Reduções:

Aqueles índios que viviam de acordo com os seus costumes antigos em serras, selva e povoados, dos quais cada um contava de cinco a seis casas, já foram reduzidos por nosso esforço ou indústria a povoações grandes e transformações de gente rústica em cristãos civilizados com a contínua pregação do Evangelho⁶.

Desta forma os jesuítas, agora com mais recursos, podiam agir em defesa dos índios e da ameaça da escravização por parte dos bandeirantes paulistas. No artigo *Chinoca*, Kern nos expõe de forma romanceada esta questão: “Aos milhares, eles se refugiaram nas Missões dos jesuítas e franciscanos, únicos espaços consentidos de liberdade onde poderiam sobreviver etnicamente”⁷.

Esse espaço organizado pelos padres, foi onde se processou o contato cultural entre índio e jesuíta, o qual introduziu uma série de símbolos e valores cristãos na cultura nativa, que se viu obrigada a readaptá-los para que lhe fizessem sentido. Conforme Furlong:

⁴ MELIÁ, Bartomeu. **El guarani conquistado y reducido**: ensayos de etnohistoria. Asunción: Universidad Católica, 1988, p. 33.

⁵ Sobre o significado do termo Redução: a palavra vem do latim e quer dizer reconduzir (*ad ecclesiam et vita civile reductere* - reconduzir à Igreja). “Sepé Tiaraju, 250 anos depois”. Comitê do ano de Sepé Tiaraju (Org.). 2005. Disponível em: <<http://www.expressaopopular.com.br/pdfs/Sape.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2007.

⁶ MONTOYA, Antonio Ruiz. **Conquista espiritual**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985, p. 20.

⁷ KERN, Arno A. *Chinoca* (ou o legado indígena de gaúchos sem memória). In: GONZAGA, Sergius; AGA, Sergius; FISCHER, Luis A. (Org.). **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992, p. 64-70. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/indi/chinoca.htm>>. Acesso em: 15 set. 2006.

Obra del clero y de las ordenes religiosas fueron todas estas fundaciones, pero fueron los jesuítas quienes, desde principios del siglo XVII, comenzaron, con método y con admirable continuidad, su labor misioneira entre nosotros, con la fundación progresiva de las reducciones de guaranies.⁸

Os jesuítas em seus trabalhos apostólicos não utilizavam de muitas restrições aos recursos usados na conquista dos indígenas. Os Guarani eram persuadidos com presentes, com canto e música, eram embriagados com belas descrições do paraíso e amedrontados com terríveis descrições do inferno, atemorizados e intimidados com o perigo do espanhol explorador e dos malfeitores mamelucos portugueses. Assim, o benevolente e curioso indígena era atraído para os aldeamentos cristãos.

Em suma, o espaço missioneiro se constituiu através da cultura e da experiência dos padres de diferentes nacionalidades e ordens, com os costumes e o modo de ser guarani, resultando num processo com características próprias.

A seguir será analisado o processo de fundação das Reduções Jesuíticas que corresponderiam os indecifráveis limites de hoje nas terras do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, entre elas, *Os Sete Povos*, onde está situada a Redução de São Miguel Arcanjo, e a igreja do mesmo nome, objeto central desse estudo.

⁸ FURLONG, Guillermo. **História social y cultural del Rio de La Plata - 1536-1810**. Buenos Aires: Tipografia Editora Argentina, 1969, p. 68.

Alonzo gostava da paisagem ao redor da Redução. Era pura de linhas e cores – coxilhas verdes recobertas de macegas cor de palha e manchadas aqui e ali; por cima de tudo, um céu azul onde não raro boiavam nuvens. Era simples e ingênua, dir-se-ia pintada em aquarela pela mão de uma criança.

Érico Veríssimo – O Continente

5 AS REDUÇÕES JESUÍTICAS DO PARAGUAI

A Província Jesuítica do Paraguai²⁸ foi fundada em 1607. O padre Antônio Ruyz de Montoya, fundou os primeiros povoados missioneiros nas terras férteis do Guairá, hoje estado do Paraná. Outros jesuítas também chegaram e se instalaram no Itatim, posteriormente, hoje o estado do Mato Grosso do Sul. Fugindo da cobiça e matança dos que buscavam escravos, os guaranis e os jesuítas abandonaram estas regiões e foram em direção ao Tape, hoje o estado do Rio Grande do Sul. Para se defender dos ataques constantes, os padres armaram os índios e os treinaram para as lutas.

Portanto Guairá, Itatim e Tapes (ver Figura 4), terras banhadas pelos rios da Bacia Platina foram a sede de um dos mais incríveis experimentos reducionais, onde os colonizadores preocupados com o avanço das Bandeiras²⁹ em direção ao sul e noroeste, buscaram nos jesuítas, através da atividade evangelizadora e civilizatória, obstruir o caminho desses grupos.

No território do Rio Grande do Sul, ou as Províncias do Tape, a história missioneira inicia no início do século XVII com o Padre Roque Gonzalez, que consegue atravessar o Rio Uruguai e funda o primeiro povoado na região, a chamada Redução de São Nicolau.

²⁸ A Província do Paraguai abrangia na época colonial, limites muito mais extensos que os da moderna República Paraguai. Recebendo o nome do rio que a banhava, compreendia uma imensa região, que se estendia entre o Brasil e o Peru até o Prata e o Oceano Atlântico. Limitando-se, portanto, ao norte, com a Capitania de São Vicente (SP), a leste, com o Oceano Atlântico e, a oeste, com a Província de Tucumán, atualmente território da Argentina. Os atuais estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso estavam na sua jurisdição; assim como o Uruguai e a Argentina. No atual território boliviano, o Paraguai limitava-se com a Província de Santa Cruz da La Sierra. Uma detalhada descrição dos seus limites geográficos e administrativos pode ser encontrada em Gadelha (1980). (MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Sobre festas e celebrações: as reduções do Paraguai** (séculos XVII e XVIII). Passo Fundo: UPF, 2006, p. 13.

²⁹ As Bandeiras foram expedições organizadas para explorar o interior do Brasil. Seus alvos principais eram as Missões Jesuíticas que concentravam um grande número de mão de obra indígena.



Figura 3 - Os Sete Povos das Missões³⁰

³⁰ ARQUIVOS DA Diplomacia Brasileira: Mapas Históricas. Disponível em: <<http://www2.mre.gov.br/acs/diplomacia/portg/arquivo/mapa030.htm>>. Acesso em: 10 set. 2006.

vencedores. Esta batalha ficou conhecida como Mbororé³³, e a partir daí não houve mais Bandeiras contra as reduções. Porém as reduções do Tape ficaram arrasadas, obrigando os padres e os índios a se mudarem para a margem direita do rio Uruguai, deixando o gado. O rebanho solto se reproduziu em grande quantidade, dando origem a Vacaria do Mar, hoje, grande importância na produção pecuária do Rio Grande do Sul. A fronteira entre terras portuguesas e espanholas, na qual se insere o espaço missioneiro, surgiu somente no século XVII. Para Kern, antes desta época houve apenas um limite, representado pela linha imaginária do Tratado de Tordesilhas, a partir, então, do século XVII, de uma maneira gradual, a fronteira se delineou, com todos os problemas correlatos de oposição e coexistência que lhe são típicos.

No final do século XVII começam a ser fundados os sete povos das missões (São Borja, São Nicolau, São Miguel, São Luis Gonzaga, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo) nas atuais terras do Rio Grande do Sul (ver Figura 3).

Conforme Padre Sepp, fundador da Redução de São João Batista:

Durante a fase principal, de 1690 a 1750, pertenciam ao território das reduções jesuíticas as seguintes zonas: todo o sul da atual República do Paraguai, as atuais Províncias de Corrientes e Misiones e toda a parte oeste, sul e norte do atual Rio Grande do Sul, sendo o centro deste Estado constituído pelos Sete Povos, chamados de Missões. Do total de 30 reduções, 8 em território do atual Paraguai, 15 no território da atual Argentina e 7 no atual Rio Grande do Sul.³⁴

Neste contexto colonial, os inacianos³⁵ promoveram um grande desenvolvimento através da arte e da arquitetura. O espaço missioneiro se constituiu assimilando a experiência dos padres jesuítas, com diferentes formações e nacionalidades, com o conhecimento da natureza, costumes e o modo de ser guarani, num processo que moldou características próprias. O estilo barroco constituiu o suporte ideológico para as novas práticas culturais que se desenvolveram no espaço

³³ Batalha de Mbororé (1641): aqui encerra o ciclo das investidas escravagistas. Os guerreiros guaranis derrotam quase dois mil bandeirantes.

³⁴ SEPP, Padre Antônio S. J. **Viagens às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. São Paulo: Livraria Martins, 1972, p. XXIII.

³⁵ Inaciano: termo originado do fundador da Companhia de Jesus, o Padre Inácio de Loyola.

missioneiro. Ali estavam presentes e adaptadas, as casas dos índios, reagrupadas em torno da grande praça espanhola e sombreadas pela suntuosa e monumental igreja em estilo barroco, que será melhor estudada nesta monografia.

O desenvolvimento das reduções deu-se através do incremento na produção pelo uso da tecnologia europeia. O guarani sob a liderança dos padres utilizou o arado, o ferro, os adubos, os animais de tração, a rotação de campos e também a criação de gado. Alguns produtos eram produzidos com o objetivo de exportação, como a erva-mate. Além do trabalho na terra, o índio guarani produzia nas oficinas. Fazia instrumentos, utensílios e roupas. Da mesma forma deu-se com a arte, com a ajuda do padre o índio desenvolveu uma grande capacidade para a criação, na música com o canto e a dança, na pintura, na escultura, na arquitetura e no teatro, que serão melhor estudados nos próximos capítulos.

Assim, por mais de cento e cinquenta anos, houve neste continente uma obra única e admirável, um sistema social completamente diferente de qualquer outro já visto pela história da humanidade, um sustentáculo das Províncias espanholas. Serafim Leite, autor da História da Companhia de Jesus no Brasil, traz o tema da seguinte forma:

Nas missões do Paraguai nunca houve República, nem Estado, nem Teocracia, no sentido autônomo da palavra, isto é, independente. O título de Conquista Espiritual, dada pelo Padre Ruiz de Montoya, no século XVII, ao seu livro, indica a natureza religiosa das Missões e a catequese ou a conquista dos índios para a religião cristã. Aqui houve apenas a organização da catequese, adaptada às condições sociais e mentais dos índios e do isolamento da selva, numa experiência particular de comunidade, na verdade surpreendente para o tempo, tudo, porém enquadrado dentro do regime político da Monarquia Espanhola.³⁶

Porém os limites entre Portugal e Espanha na América Meridional figuraram desde o início do período colonial como questão polêmica. A região do Rio da Prata tinha papel

³⁶ LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro. Porto: Tipografia Porto Médico, 1945, v. 6, p. 556.

fundamental no escoamento da produção da região e, funcionava como entreposto ao contrabando da prata que vinha das Minas de Potosi³⁷ (ver Figuras 5 e 6).

O Tratado de Madri, de 1750³⁸, estabeleceu que a região da Colônia do Santíssimo Sacramento, sob domínio português, passaria para os espanhóis, e estes, em troca entregariam a Portugal, os Sete Povos das Missões. Além disso, o Tratado previa a mudança da população Guarani dos Sete Povoados para a Banda Ocidental do Uruguai. A tentativa de transmigração dos Sete Povos levou a Companhia de Jesus ao descrédito, abalando sua autoridade diante dos índios, revoltou os missioneiros e uniu os fiéis contra os espanhóis, provocando a Guerra Guaranítica³⁹. Paralelamente a esta situação, na Europa acontecia o fortalecimento do absolutismo monárquico na figura do déspota esclarecido, o Marquês de Pombal, que tinha por ideal a centralização total do Estado, o que se chocou com o poder da igreja católica, tanto em termos políticos como econômicos.

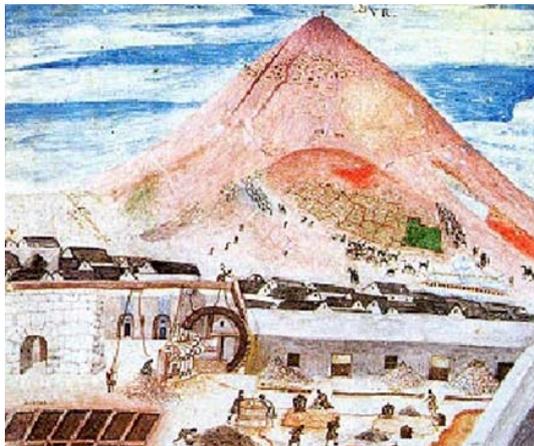


Figura 5 - Minas de Potosi (1585)⁴⁰

³⁷ Potosi: séculos XVI e XVII - Maior descoberta e exploração da prata do período colonial da América, o que provocou um grande impacto no mundo ocidental da época. Uma montanha, também chamada de Cerro Rico. Situava-se em uma região do Altiplano Andino, Alto Peru, hoje Bolívia.

³⁸ Nos termos do Tratado de Madri, Art. XV, “a Colônia de Sacramento se entregará por parte de Portugal, sem tirar dela mais que a artilharia, armas, pólvora, munições e embarcações”, enquanto pelo Art. XVI se diz que “das povoações ou aldeias, que cede Sua Majestade Católica, na margem Oriental do rio Uruguai, sairão os Missionários com todos os móveis e efeitos, levando consigo os índios para os aldear em outras terras da Espanha. Tratado de Limites das Conquistas, entre El-Rei o Senhor Dom João V [Rei de Portugal] e Dom Fernando VI, Rei da Espanha... (GOLIN, Tau. **A guerra guaranítica**. 2. ed. Passo Fundo: EdiUPF, 1999, p. 52).

³⁹ A Guerra Guaranítica deu-se entre os anos de 1754 e 1756, após o Tratado de Madri se firmado entre as Coroas Ibéricas, ocasionando a invasão dos exércitos português e espanhol nas terras dos índios Guarani.

⁴⁰ CAPOCHE, Luis. **Atlas of sea charts (K3)**. Biblioteca Espanhola da América, 1959, p. 275.



Figura 6 - Potosi: Um Mito Europeu⁴¹

Os jesuítas foram acusados de dificultar a mudança do contingente dos sete povos, também foram acusados de construírem um Estado dentro de outro, isto é, de que as missões jesuíticas desenvolveram-se dentro do império colonial como estrutura diversa, onde a relativa independência assumida pelo sistema reducional fazia frente à lógica da colonização.

Assim, em 1768 com a expulsão dos jesuítas da América, encerra-se um período na história marcado, sem dúvida, por relações de intensidade indescritível, onde o encontro entre duas culturas tão diversas, como a dos Guarani e dos europeus, constituiu uma lógica própria, repleta de significados e simbologias que até hoje colocam-se como questões latentes para a contemporaneidade. No próximo capítulo será analisado como os movimentos religiosos, a Reforma e a Contra-

⁴¹ Pôster apresentado pela autora dessa monografia em parceria com a aluna Sibebe Silvano e orientação da professora Dr^a. Maria Cristina dos Santos no VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos – PUCRS/ out. 2006. A imagem mostra a região situada no Altiplano Andino, hoje Bolívia, onde ocorreu a maior descoberta e exploração de prata no período colonial da América e as relações de trabalho nas minas ou mitas. Desenho de Fallavena, inspirado em CAPOCHE, Luis. **Relación general de la Villa Imperial de Potosi**. Madrid: Atlas, 1959.

Reforma influenciaram na criação da Companhia de Jesus, resultando na vinda dos missionários religiosos, responsáveis pelo processo colonizador e evangelizador na Região do Prata.

6 AS REFORMAS RELIGIOSAS

A reforma protestante e a reforma católica integram um conjunto de acontecimentos que marcaram a transição do feudalismo para uma sociedade aos moldes burgueses na Europa Ocidental. A reforma protestante foi além da crítica aos dogmas e práticas do catolicismo, que abalaram a autoridade da hierarquia eclesiástica. Com o apoio de segmentos sociais interessados na diminuição do poder do papa, ela contribuiu para modificar as instituições políticas, sociais e econômicas europeias. O termo protestantismo não designa uma igreja ou seita específica, mas o movimento de reforma religiosa iniciado na Alemanha por Martinho Lutero, que deu origem a diversos grupamentos evangélicos.

A expressão reforma católica ou contra-reforma, por sua vez, refere-se ao movimento que pretendeu repensar o catolicismo, abalado pelas críticas e iniciativas dos reformadores protestantes. Entretanto, no Concílio de Trento⁴², o papa e os cardeais concluíram que a doutrina católica não precisaria ser modificada. Em vez disso, Roma reforçou seus dogmas, criando mecanismos eficazes para o combate à heresia⁴³, isto é, qualquer doutrina contrária ao que fora definido pela hierarquia em matéria de fé. Para a igreja católica no momento de transição para a modernidade, religião não era uma questão de livre-arbítrio.

Como era previsível, os fatores imediatamente associados à proposta de reforma religiosa diziam respeito às práticas da Igreja Católica: a venda de indulgências para o perdão dos pecados, as negociatas em torno dos cargos religiosos, o despreparo e a vida desregrada de muitos sacerdotes tornavam-se alvo de críticas de grande impacto.

⁴² O Concílio consistiu numa reunião geral dos representantes da Igreja Católica, presidida pelo Papa Paulo III e que teve início em 1545 na cidade de Trento-Itália. Objetivou encontrar respostas para os problemas colocados pelos protestantes.

⁴³ Contrário ao que foi definido. Infidelidade. **The Catholic Encyclopedia**. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/h.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2007.

A Reforma Religiosa por sua vez, foi impulsionada na Alemanha, por Martinho Lutero (1483-1546), monge agostiniano e doutor em teologia. Divergindo das orientações de Roma, Lutero acreditava que a salvação da alma resultava da fé, graça divina mais importante do homem; e que as boas obras em nada influíam para a salvação. A partir dessas idéias, Lutero condenou a compra de indulgências⁴⁴ como passaporte ao reino dos céus.

Em 1517, a decretação de uma bula (carta pontifícia de caráter solene) do papa Leão X, promulgando uma das mais notáveis vendas de indulgências já vistas na Europa, acelerou a crise. Na bula, o papa estabelecia que aqueles que contribuíssem para a construção da Catedral de São Pedro, em Roma, receberiam de Deus o perdão total de seus pecados. Denunciando este negócio, Lutero afixou na porta da Igreja de Wittenberg, onde era sacerdote, um documento que apontava noventa e cinco críticas ao papado, conhecido como as 95 Teses de Lutero. Este monge encontrou terreno fértil à sua pregação nas regiões em que era interessante aos nobres se apoderaram das terras da Igreja Católica. Em 1530 Lutero redigiu um documento que fundamentava sua doutrina. Nele, afirmava que a fé constituía a única e verdadeira fonte da salvação e que o dogma absoluto da religião reformada seria o texto das escrituras. Lutero mostrava-se favorável à livre interpretação da Bíblia (com várias traduções). Sua proposta previa a existência de uma igreja nacional, sem hierarquias religiosas. O celibato dos padres desapareceria e haveria apenas dois sacramentos: o batismo e a eucaristia.

Em 1555, na tentativa de promover a conciliação com o poder imperial, a nobreza luterana firmou um acordo conhecido como a Paz de Augsburgo. Como resultado, o luteranismo predominou nos Estados alemães do norte, enquanto o sul permanecia católico. A paz voltou a reinar temporariamente nas fileiras da alta nobreza alemã, mas a unidade religiosa na Europa Ocidental e Central se rompeu para sempre.

⁴⁴ Uma indulgência na teologia católica é o perdão ao cristão das penas temporais devidas à Deus pelos pecados cometidos na vida terrena.

6.1 O Exército da Contra-Ofensiva

A reação de Roma frente à expansão do protestantismo veio através de várias medidas, entre elas a reorganização do Tribunal do Santo Ofício, que atuava na Europa desde a idade média, julgando e punindo aqueles que fossem suspeitos de difundir idéias e práticas religiosas em desacordo com a Igreja Católica. Além disso, por iniciativa do papa Paulo III, a Igreja Católica realizou um dos encontros mais importantes de sua história milenar: o Concílio de Trento. Este Concílio realizou-se de 1545 a 1563, e teve como objetivo principal posicionar-se frente às críticas protestantes.

Dentre as decisões mais importantes, destacaram-se a reafirmação dos dogmas católicos, a manutenção dos sacramentos, a confirmação da hierarquia do clero e o celibato clerical.

O Concílio também formulou normas para coibir os abusos como a venda de indulgências e aprovou propostas para a fundação de seminários de teologia, destinados a melhorar a formação do clero. Por fim surgiu o Index Librorum Proibitorum, uma lista de livros cuja leitura era proibida aos católicos. Obras como O elogio da loucura, do humanista Erasmo de Roterdam, entre outros, constava na lista proibida pela igreja. O Index foi abandonado apenas em 1966. O movimento católico foi ainda reforçado pela estruturação de ordens religiosas, sendo uma das mais importantes, a Companhia de Jesus, que será melhor analisada no desenvolvimento deste estudo. Os jesuítas se organizaram como um verdadeiro exército para a contra-ofensiva católica. Responsáveis pelo fortalecimento do catolicismo em muitos dos países em que atuaram, transformaram-se em educadores e desempenharam um papel fundamental na catequese dos povos nativos das colônias portuguesas e espanholas na América.

7 A CATEQUESE NAS REDUÇÕES

7.1 A Companhia de Jesus

Instrumento da contra-reforma, a Companhia de Jesus notabilizou-se nos séculos XVI, XVII e XVIII pelas obras missionárias no Novo Mundo. No Brasil desde o século XVI, o trabalho dos missionários esteve ligado ao processo colonizador e evangelizador. Diretamente envolvidos nos acontecimentos, os jesuítas foram os responsáveis pelos mais detalhados relatos daquela época sobre a vida, a cultura e o cotidiano junto aos povos conquistados. As famosas “Cartas Anuais”, são consideradas acervo indispensável para reconstituir o que foi esta experiência estruturada no passado. A atuação dos jesuítas ao longo de todo esse período foi extremamente polêmica. Por vezes, eles foram identificados como os maiores e mais intransigentes defensores da ortodoxia da fé católica, para depois serem vistos como os mais flexíveis em relação às sociedades que pretendiam cristianizar. Máxime Hauber quando analisa o cotidiano das Missões, destaca que:

Por meio de vários milagres, o céu vem auxiliar os cristãos nas batalhas contra os indígenas. Mas é normal que, de acordo com a teologia missionária, a persuasão venha antes da perseguição. E os jesuítas não deixam de pensar que, nessa conquista espiritual, a Companhia de Jesus é um exército privilegiado de Deus.⁴⁵

Através do espírito da contra-reforma, portanto, formou-se a Companhia, no ano de 1537, por iniciativa de Inácio de Loyola⁴⁶ com a fórmula do Instituto⁴⁷ aprovada pelo Papa Paulo III na bula *Regimini Militantis Ecclesiae* em 1540.

⁴⁵ HAUBER, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 254.

⁴⁶ LOYOLA, Ignácio. **Ejercicios espirituales**. Texto autografado. Disponível em: <<http://www.jesuitas.es/>>. Acesso: 05 set. 2007.

⁴⁷ LEITE, S. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro. Porto: Tipografia Porto Médico, 1945, v. 6, p. 6.

Era uma ordem religiosa de clérigos regulares, comumente chamados de Jesuítas, derivado da palavra Jesus, tinha no título o caráter militar que o seu instituidor imprimiu à criação.

A vida religiosa de Inácio de Loyola iniciou durante uma longa convalescença pós ferimento grave que obteve na Batalha de Pamplona⁴⁸ em 1521. Isso possibilitou a ele entrar em contato com a literatura da vida dos santos, o que grande impressão lhe causou, despertando seu interesse pela peregrinação à Jerusalém. Quando restabelecido executou o plano de visitar os lugares santos e durante a viagem, desenvolveu os famosos exercícios espirituais⁴⁹, que muito marcaram a formação dos padres jesuítas.

Os missionários se dispuseram junto ao Papa a ir a qualquer parte do mundo para defender a fé católica. Portanto, estava dado o passo inicial para a confirmação da Companhia de Jesus como ordem religiosa. O crescimento da ordem foi vertiginoso, bem como o desenvolvimento de um trabalho catequético e pedagógico, o que gerou um grande fascínio entre seus discípulos com relação ao trabalho missionário. Eliane Fleck traduz o objetivo da Companhia da Jesus:

A vocação de servir, idealizada por Loyola, foi transformada então, na idéia de missão, que passou a moldar indiscutivelmente o pensamento e a prática da Companhia de Jesus. Destacando o caráter apostólico que Inácio pretendia imprimir, ficou estabelecido que o fim desta Companhia é não somente ocupar-se da salvação e perfeição das almas próprias com a graça divina, mas também com a mesma, procurar intensamente ajudar à salvação e perfeição dos próximos, conforme Loyola.⁵⁰

⁴⁸ A Batalha de Pamplona ocorreu em maio de 1521, durante a Guerra Italiana de 1521-1526, envolvendo o rei Francisco I da França e seu adversário Carlos I da Espanha, com quem disputava desde a candidatura de ambos para Imperador do Sacro Império-Germânico, eleição vencida pelo segundo.

⁴⁹ Instruções práticas, uma espécie de manual sobre métodos de oração e exames de consciência que ensinava a utilização de todos os cinco sentidos aliados à razão para se buscar descobrir a vontade de Deus. A princípio era praticado individualmente, ao longo dos séculos XVII e XVIII difundiu-se a prática dos exercícios em grupo.

⁵⁰ FLECK, Eliane. **Sobre martírios e curas:** medicina e edificação nas reduções jesuítico-guaranis. Revistas eletrônicas da PUCRS. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/1324/1029>>. Acesso em: 15 set. 2007.

No final do século XVI, a Companhia, seus missionários e seus colégios se espalharam por várias regiões da Europa, África, América e Ásia⁵¹. Em 1549 desembarcam no Brasil, juntamente com Tomé de Sousa, que funda a cidade de Salvador para servir de sede do governo, os primeiros cinco jesuítas, com o padre Manoel da Nóbrega à frente. Este chegou a escrever em uma de suas cartas que os índios seriam como papel em branco, prontos para receberem todo o conhecimento (entenda-se catequese) que lhes fosse ofertado. Contudo, logo os inacianos deram-se conta de que a tarefa não seria tão simples e segura, principalmente quando começaram a ser devorados pelos Tupinambás.⁵² A antropofagia⁵³ certamente aumentou a crença na necessidade da catequização desse seres tão distantes das virtudes divinas. É importante salientar, que o espírito prático dos jesuítas, principalmente no trabalho missionário, iria proporcionar um esforço de aproximação cultural com os grupos sociais e étnicos a serem evangelizados, a exemplo da catequese feita nas línguas dos povos submetidos à Companhia.

O modelo inaciano pode ser resumido em três princípios básicos: o romanismo (total fidelidade ao Papa), a polivalência (além de religiosos, seriam um pouco de tudo que fosse necessário: médicos, botânicos, professores, etc) e o ascetismo (procura da plenitude da vida moral). Obedecendo a esses princípios e pelos exercícios espirituais, que combinava em alto grau a segurança da retidão, o conhecimento de Deus, a experiência mística e a decisão prática, o religioso dessa ordem se tornava mais um elemento de uma unidade de elite de combate ao lado do próprio Cristo e, assim, poderia lutar para a propagação da fé católica, segundo seu fundador. Cabe aqui ressaltar a questão da disposição militar dos jesuítas, clara alusão ao passado de soldado de Inácio de Loyola, que na fórmula do Instituto conclamava “todo aquele que pretender alistar-se como soldado de Deus, sob a bandeira da cruz, na nossa Companhia...” com o entusiasmo de um general.

⁵¹ “Vayan e enciendan el mundo”: instrução de Inácio de Loyola a respeito da Cia de Jesus.

⁵² Tribos do litoral brasileiro que praticavam a antropofagia. Teve entre seus prisioneiros o alemão Hans Staden, que após ser libertado, escreveu um dos primeiros best-sellers sobre o Novo Mundo. Através de um excelente poder de observação, mesmo em meio aos perigos de ser devorado, Staden revelou hábitos e costumes dos Tupinambás, entre eles gravuras indicando a prática do canibalismo. Edição eletrônica da obra de STADEN, Hans. **Viagens e Aventuras no Brasil, 1557**. Disponível em: <<http://www.jrbooksonline.com/HTML-docs/staden%20part%201.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2007.

⁵³ Prática regular de consumo de carne humana por seres humanos com caráter ritual – canibalismo. Fonte: **Novo Aurélio. O dicionário da Língua Portuguesa** – século XXI. P.156.

É sabido que a Companhia de Jesus tinha como supremo poder legislativo a Congregação Geral, composta de delegados das diversas províncias, embora o governo da ordem fosse responsabilidade do Superior Geral, cargo vitalício. A Companhia estava dividida em Províncias, que conforme critérios geográficos ou lingüísticos formavam seis Assistências: Itália, Portugal (aqui submetidas às Províncias do Brasil), Espanha, Alemanha, França e Polônia. Os superiores da cada província chamados de Provinciais governavam todas as casas, ou, os Colégios e as residências dos padres, sendo que cada casa tinha o seu superior.

Apesar de ter sido criada antes da convocação do Concílio de Trento, a Companhia de Jesus enquadrava-se perfeitamente no espírito das reformas tridentinas,⁵⁴ ao se preocupar com a catequese e a educação. Por dar ênfase à obediência ao papa, transformou-se em um importante instrumento para Roma, tornando-se uma espécie de ponta de lança da Contra-Reforma e desempenhando importante papel de defesa da fé e dos dogmas católicos na Europa, nas Américas e, também no Oriente. E para intensificar a influência católica no ritual eclesiástico, os Jesuítas usaram meios que lhes era facultado pela arte barroca, a saber, nas magníficas igrejas, nos ornatos, nas estátuas de santos, nas músicas impressionantes e nas representações teatrais espetaculares, que serão melhor estudadas no desenvolvimento da pesquisa.

Os relatos deixados pelo Padre Antonio Ruiz de Montoya, na obra *Conquista Espiritual*, permitem perceber as impressões desse jesuíta sobre a ação missionária da Companhia de Jesus nas reduções. Todo o trabalho da cristianização é facilmente entendido na documentação escrita por esse e outros padres. Salientado que muitos destes documentos foram feitos dentro das reduções.

Um fato importante destacado quando se estuda a Companhia de Jesus, é a questão da intelectualidade dos missionários. Os jesuítas tinham uma formação aristotélica e tomista⁵⁵ que fazia deles alvo de críticas do pensamento ilustrado, baseado no experimentalismo. Desde o início, a Companhia de Jesus marcou sua

⁵⁴ Originárias do Concílio de Trento – Itália.

⁵⁵ Pessoa que segue o tomismo: conjunto das doutrinas teológicas de S. Tomás de Aquino.

diferença em relação às demais ordens religiosas, principalmente com relação à educação recebida e fornecida pelos jesuítas. Segundo Francisco Rodrigues:

Pode-se dizer que três facetas caracterizaram esta educação. Primeiramente, a importância atribuída à retórica, valor ou técnica de domínio social e projeto estético que, de certo modo, a define. Segundo, a permeabilidade dos colégios às lições e pressões da sociedade: se o jesuíta habita o mundo o seu discípulo está voltado a ele.⁵⁶

Diante dessa situação, Inácio de Loyola faz de sua companhia uma sociedade, cujo núcleo fosse constituído por homens verdadeiramente eruditos. Além disso, os inacianos possuíam uma tradição mística, onde a idéia do sobrenatural, da revelação divina e dos mistérios da fé eram admitidos sem constrangimento, o que dificultava as relações com os racionalistas do século e permitia uma abundante crítica dos filósofos do século XVIII. Este dilema perseguiu os inacianos em toda parte e o desgaste decorrente dos diversos atritos vividos pelos jesuítas acabou debilitando a ordem, ocasionando o desmantelamento da Companhia de Jesus.

Ao chegar o século XVIII, aumenta a tensão entre o Estado português na figura do Marquês de Pombal,⁵⁷ ministro do Rei D. José I de Portugal, e a Companhia de Jesus. A atuação de Pombal, que culminaria com a expulsão dos jesuítas de Portugal e de todas as suas colônias (ver figura 6), refletia a necessidade de fortalecimento da monarquia ilustrada e de submissão da Igreja ao Estado.

Assim, os jesuítas, que foram tão importantes no processo de colonização, transformaram-se num entrave para a afirmação do absolutismo ilustrado português.

⁵⁶ RODRIGUES, Francisco. **A formação intelectual do jesuíta**. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1917, p. 267.

⁵⁷ Convertido de maneira intransigente, radical aos princípios do Estado secular, Pombal fez com que Dom José I decretasse em 1759 a proscrição da Companhia de Jesus. Sequestrando os bens, fechando os colégios e as missões e prendendo ou expulsando a maioria dos padres.

8 BARROCO

8.1 Origens e Definições

No final do século XVI surge na Itália uma nova expressão artística que se contrapunha ao maneirismo e as características remanescentes do Renascimento. O Barroco⁵⁸ pode ser considerado como uma forma de arte emocional, ao mesmo tempo em que se caracteriza pela monumentalidade das dimensões, opulência das formas e excesso de ornamentação. Essa grandiosidade é explicada pela situação histórica, marcada pela reação da Igreja Católica ao movimento protestante e ao mesmo tempo pelo desenvolvimento do regime absolutista. Dessa maneira temos uma arte diretamente comprometida com essa nova realidade, servindo como elemento de propaganda de seus valores serem explicados pelo fato de o barroco ter sido um tipo de expressão de cunho propagandista.

Na arquitetura barroca, a expressão típica são as Igrejas, construídas em grande quantidade durante o movimento de Contra-Reforma. Rejeitando a simetria do renascimento, destacam o dinamismo e a imponência, reforçados pela emotividade conseguida através de meandros, elementos contorcidos e espirais, produzindo diferentes efeitos visuais, tanto nas fachadas quanto no desenho dos interiores. Quanto à arquitetura sacra, compõe-se de variados elementos que pretendem dar o efeito de intensa emoção e grandeza. O teto elevado e elaborado com elementos de escultura dá uma dimensão do infinito; as janelas permitem a

⁵⁸ Qualquer texto sobre o barroco inicia com considerações sobre as origens da palavra. O vocábulo barroco, associado a uma pérola assimétrica rara e de muito valor, foi herdado pela língua portuguesa do espanhol *berrueco* que mais tarde se tornou *berrocal*. Posteriormente, barroco aparece na linguagem dos joalheiros, operando uma verdadeira torção do significado: aquilo que outrora fazia alusão à matéria rudimentar, não trabalhada, passou a se referir ao que era elaborado, amaneirado, minuciosamente trabalhado pelo cinzel do ourives. Indo mais adiante, encontram-se discutíveis desdobramentos do emprego do vocábulo que remontam à ação transformadora da ourivesaria. Da língua italiana originou-se o vernáculo *barocci*, aquele que produz Madonas de forma amaneirada. Não se poderia enumerar os inúmeros significados atribuídos ao termo barroco sem, no entanto, deixar de mencionar as conotações pejorativas que muitas vezes recaem sobre ele. Alguns dicionários associam a palavra barroco ao que é bizarro, estranho, excêntrico, ou até mesmo de pouco valor. Ver imagens da arte barroca no Brasil e na Europa no site: <http://www.itaucultural.org.br/barroco/saber.html> Acesso em set.2007.

penetração da luz de modo a destacar as principais esculturas; as colunas transmitem uma impressão de poder e de movimento. As obras barrocas tornaram-se instrumentos da Igreja, como meio de propaganda e ação, isto não significa uma pintura apenas de santos e anjos, mas de um conjunto de elementos que definem a grandeza de Deus e de suas criações. A arte barroca procura comover intensamente o espectador. Nesse sentido, a Igreja converte-se numa espécie de espaço cênico, num teatro *sacrum* onde são encenados os dramas. De certa maneira, assistimos a uma retomada do espírito religioso e místico da idade média, numa espécie de ressurgimento da visão teocêntrica do mundo. Como resume Afrânio Coutinho: “O homem do Barroco é um saudoso da religiosidade medieval e, ao mesmo tempo, um seduzido pelas solicitações terrenas e valores mundanos”.⁵⁹

No século XVII ocorre uma evolução dos espaços em dois sentidos: a definição de um espaço utilitário e a formulação de um espaço especulativo. No campo das manifestações religiosas, a primeira corrente parte dos pressupostos do Concílio de Trento, que pretende reforçar a liturgia como veículo transmissor de suas idéias. A eucaristia, a penitência, a palavra e a oração necessitavam de um símbolo adequado, e os jesuítas, máximos defensores da nova ortodoxia da contra-reforma, formularam-no de maneira admirável. Não obstante, os avanços da ciência e uma progressiva tendência a formulações concordes com uma igreja propagandística e poderosa deram um grande impulso às manifestações táteis e cenográficas e que tornaram necessária uma maior especulação plástica. Esta formulação, espacial e de conjunto, define dois momentos de um mesmo discurso. Inicialmente, as ordens religiosas necessitaram de igrejas para acolher seus numerosíssimos fiéis e a nave única converteu-se em hábil solução. Num segundo momento, o sentido propagandístico prevaleceu e a busca de um espaço individualizado se acentuou. Nota-se, assim, que, da planta longitudinal, passar-se-á a soluções complexas em todo o espaço arquitetônico. As fachadas obedecem a princípio, a esquemas próximos das formulações renascentistas, que acentuam o corpo central, arrematado por um grande frontão. O Barroco caracteriza-se por sua ânsia integradora de espaços num todo unitário, quer urbano, quer paisagístico. É o

⁵⁹ COUTINHO, Afrânio. **Aspectos da Literatura Barroca**. RJ, 1950.p.54.

grande momento do paisagismo moderno. Surgem neste período, os planos reguladores daquilo que se designou chamar de cidade-capital. Roma é o protótipo desta cidade-capital. Seu desenvolvimento urbanístico havia-se iniciado efetivamente na época de Júlio II, mas seu principal organizador foi Sisto V (1585-1590), assessorado pelo arquiteto Domenico Fontana. Sua organização está baseada numa trama de grandes vias, articuladas a partir de centros significativos – edifícios ou praças.

É importante ressaltar a diferença entre o Barroco dos países protestantes e o dos países católicos. O Barroco protestante, que não interessa nesta pesquisa, toma uma direção burguesa e secular. Já o católico, em sintonia com a contra-reforma, adquire uma conotação extremamente religiosa, quando não mística. Como era de costume na época, os estilos artísticos dominantes nas metrópoles foram copiados nas colônias e assim o barroco das nações ibéricas surge na América Latina.

A matriz desse movimento radica-se na Espanha, até porque Portugal, entre 1580 à 1640, está sob o jugo do reino vizinho. As condições históricas espanholas são excepcionais para o desenvolvimento de um estilo artístico marcado pelo dilaceramento e pelo pessimismo. No início do século XVII, o país vive uma crise terrível: guerras perdidas na Europa, a perseguição à burguesia judaica, a ausência de indústrias, a violência da Inquisição e o colapso da agro-pecuária, dada a expulsão dos mouros que trabalhavam de maneira eficiente no campo. Nem o ouro nem a prata, arrancados das colônias americanas, conseguem amenizar o declínio da outrora grandiosa potência. A pobreza se espalha pela nação e uma profunda religiosidade impregna o cotidiano de todas as classes sociais, da nobreza aos excluídos.

8.2 A Arte da Contra-Reforma

A ideologia do Barroco é fornecida pela Contra-Reforma, também analisada nesta monografia. Estamos diante de uma arte eclesiástica, que deseja propagar a

fé católica. Em nenhuma outra época se produz tamanha quantidade de igrejas e capelas, estátuas de santos e documentos sepulcrais. As obras de arte devem falar aos fiéis com a maior eficácia possível, mas em momento algum descer até eles. Daí o caráter solene da arte barroca. Arte que tem de convencer, conquistar e impor admiração.

A partir desta característica, os artistas e arquitetos contratados pela Igreja, absorvem esse espírito, como homens inseridos no contexto histórico e social, representando, todo um desejo de renovação através de formas utilizadas para o convencimento. Paralelamente, em quase todas as partes, a igreja se associa ao Estado, e a arquitetura barroca, antes somente religiosa, se impõe também na construção de palácios, com os mesmos objetivos: causar admiração e temor. Arquitetura e poder identificam-se da mesma forma que a igreja legitima o “direito divino dos reis”, isto é, o absolutismo despótico nos impérios católicos.

O período foi também de grande produção artística, tanto na pintura e escultura quanto na arquitetura. Com o crescimento da burguesia, um novo mercado de arte se impõe. A contradição e o movimento que sintetizam a cultura barroca estão representados no planejamento das esculturas, nas volutas da arquitetura, na expressão dos rostos esculpidos. As características do movimento estão claramente presentes em pinturas como as de Velázquez⁶⁰, no registro do próprio mover-se, em que o quadro é um reflexo da ação.

A partir do Maneirismo instaura-se na arte um conflito fundamental que mesmo o Barroco não consegue equacionar de todo: o conflito entre os prazeres corpóreos e as exigências da alma. O renascimento definira-se pela valorização do profano, do secular, pondo em voga o gosto pelas satisfações mundanas.

Frente a estas conquistas, a atitude dos intelectuais maneiristas e barrocas é extremamente complicada. Não podem renunciar ao “carpe diem”⁶¹ renascentista,

⁶⁰ Pintor espanhol. Nasceu em Sevilha no ano de 1599 e foi o grande representante da pintura barroca espanhola. Seus quadros mais famosos encontram-se hoje no Museu do Prado em Madrid.

⁶¹ Frase procedente das Odes do poeta latino Horácio. No sentido de usufruir as coisas concretas: enquanto falamos, foge o tempo inimigo/aproveita o dia sem acreditar o mínimo no amanhã.

isto é, ao “aproveitar o dia”, ao viver intensamente cada minuto. Mas não alcançam a tranqüilidade para agir assim, pois a filosofia da Contra-Reforma anti-terrena, teocêntrica e medieval, fustiga os seus cérebros e oprime os seus corações.

O dilema centra-se, portanto, na oposição vida eterna versus vida terrena; espírito versus carne. Dentro do maneirismo e dentro do barroco não há possibilidade de conciliação para estas antíteses. Ou se vive sensualmente a vida, ou se foge dos gozos humanos e se alcança a eternidade.

No Brasil, mais precisamente na região das Missões, o Barroco difere de outros Barrocos pela presença de elementos indígenas. Esta mescla de culturas, européia e Guarani, é que irá definir este momento artístico na região dos Sete Povos. Portanto, se os principais artistas desse cenário foram os Guaranis é natural que se valorize a sua contribuição, reconhecendo-se, historicamente, a especificidade do Barroco que aqui ocorreu.

No próximo capítulo será analisada a arquitetura barroca nas Missões Jesuíticas.

9 ARTE E ARQUITETURA

9.1 Arquitetura Barroca nas Missões

Os padres jesuítas se utilizaram de muitos instrumentos para facilitar a prática da catequese. Na arquitetura, a Igreja contra-reformista, pode também afirmar os ensinamentos da religião, estimulando os indígenas a seguirem o modelo de vida cristão. O índio foi atraído pela força das imagens, dos prédios arquitetônicos, de todo um cenário preparado para este fim, ou seja, o de representar a importância que se dava as questões de Deus e da religião. Desta forma, os templos apresentavam uma força e beleza que eram características do Barroco. Tudo isso por uma causa justa: a conquista de mais e mais fiéis à religião católica.

Uma análise mais aprofundada da iconografia evidencia que os povoados missioneiros foram inspirados em modelos estabelecidos por duas fortes tradições culturais: a européia e a indígena. Originados no contexto colonial espanhol, esses povoados utilizaram as diretrizes administrativas e as referências urbanas vigentes para estruturar-se. A tipologia urbana missioneira se organizava a partir de um traçado viário estruturado por ruas principais que se encontravam no centro da praça, formando uma cruz. Conforme Arno Kern em suas pesquisas sobre o espaço urbano nas Missões:

A cidade deve ser projetada, as ruas e os quarteirões de casas deverão ser traçadas com régua e corda, (ver Figura 8) caracterizando-se por serem inteiramente regulares e geométricas”.⁶²

Continuando sua análise, Kern afirma que:

Antes de ser um projeto jesuítico, elaborado utopicamente, antes de se concretizar em um núcleo urbano real, o plano urbanístico das missões tem

⁶² KERN, Arno. **Estruturação do espaço urbano nas Missões Ibéricas do Rio da Prata: uma síntese entre a herança medieval, o espaço urbano do barroco e a tradição dos indígenas guaranis.** XI Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas. Porto Alegre, 2006, p. 5.

uma origem histórica bastante complexa e muito anterior a própria fundação da Companhia de Jesus.⁶³

Há neste plano urbanístico de origem européia, segmentos medievais, que são associados aos mosteiros medievais, e também influências renascentistas, como o projeto grego de cidade planejada. É uma impressionante visão de conjunto regular e simétrico, traduzindo a idéia de ordem perfeita, com ruas, quadras, quarteirões, etc. E, em meio a toda esta regularidade, têm-se as casas dos índios, (ver figura 7) que abrigavam toda uma família extensa, e que permanecerão fazendo parte da aldeia jesuítica. E segue Kern em sua análise sobre o traçado urbano:

Nos povoados indígenas das missões, as ruas, que se organizam segundo o plano em grade do renascimento, separam grandes casas indígenas e não quarteirões de casas, como nos povoados dos brancos conquistadores”⁶⁴.

Portanto, é a mistura de elementos europeus e americanos em um mesmo espaço que ele (kern) denomina de “mescla de elementos da cultura medieval, renascentista e indígena”⁶⁵.

Ainda sobre a estrutura urbana da missão, nos diz Gutierrez:

[...] parte de um núcleo organizador configurado pela grande praça, à qual se tem acesso por uma avenida central que desemboca justamente no eixo de acesso à igreja. A configuração se complementa no desenvolvimento de um núcleo frontal que integra o colégio e residência dos jesuítas, o templo e o cemitério. Este núcleo principal serve de limite visual e dá forma ao povoado⁶⁶.

⁶³ KERN, Arno. **Utopias e missões jesuíticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994, p. 34.

⁶⁴ Ibid., p. 36.

⁶⁵ KERN, Arno. **Anotações de aula – Arqueologia**. Porto Alegre, PUCRS, 2006/II.

⁶⁶ GUTIERREZ, Ramon. **As missões jesuíticas dos Guaranis**. Fundação Pró-Memória, Unesco. Rio de Janeiro: 1987.



Figura 7 – Grandes casas indígenas Guarani ⁶⁷

No povoado missioneiro (ver figura 9) a Igreja era o edifício central, pois nele convergiam as ruas e toda a vida social e religiosa da Redução. Ela era também um símbolo de poder e de respeito ao cristianismo. O conjunto todo formava uma grande estrutura, sempre com a Igreja no centro e de um lado, o cemitério e o cotiguaçú (residência das viúvas e órfãos), e do outro, o claustro e as oficinas e depósitos ao redor de dois pátios. No primeiro pátio, ficava a residência dos padres, com pomar, hortas e jardins. Era uma estrutura fechada, organizada sobre um mesmo alinhamento frontal, com poucos e definidos acessos em relação à praça e ao restante do espaço público. Conforme relata Kern:

Todo o conjunto se ordena em torno da entrada do povoado, atravessando a praça e acompanhando a linha de maior extensão da igreja. O conjunto se ordena simbolicamente, pois o eixo separa o povoado em duas partes. A leste percebemos todos os dias o nascer do sol e a reinstalação das condições propícias à vida. A oeste, podemos observar o por do sol e a gradual expansão das trevas da noite. Tanto pela manhã como pela tarde, o sol – fonte de vida – estará sempre iluminando o interior da igreja, pelas sua praça central, a “plaza mayor” espanhola e ao longo de um eixo que se prolonga nas aberturas laterais⁶⁸.

⁶⁷ FALLAVENA, Marco. **Desenhos da monografia.** Disponível em: <<http://marcosfallavena.vilabol.uol.com.br/>>. Acesso em: 01 dez. 2007.

⁶⁸ KERN, Arno; JACKSON, Robert. **Missões ibéricas coloniais da Califórnia ao Prata.** Porto Alegre: Palier, 2006, p. 177.

Continuando a análise da estrutura do povoado, havia a praça e as vias principais, ao redor das quais se organizavam grandes pavilhões avarandados, para a proteção do calor e das chuvas, ortogonalmente distribuídos, e que eram as habitações dos indígenas. Estas moradias, diretamente integradas ao espaço público, rodeadas de vias, permitiam que se circulasse por toda a redução. Em alguns povoados, esta estrutura urbana missioneira variava um pouco, como por exemplo, a posição do cotiguaçu e do cabildo, mas que obedeciam sempre o mesmo esquema geral. A praça era um importante espaço dentro da Redução, era o local por excelência da sociabilidade e das manifestações da sensibilidade religiosa.

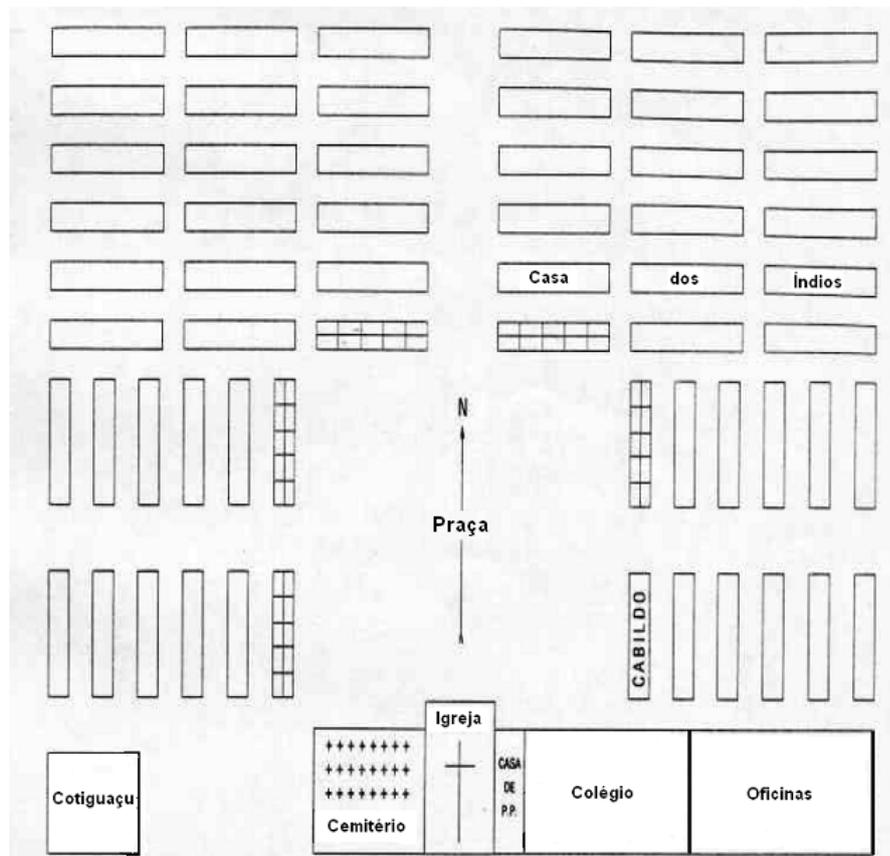


Figura 8 - Planta típica de uma redução⁶⁹

⁶⁹ HAUBER, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 197.



Figura 9 - Reconstituição da Redução de São Miguel – século XVIII⁷⁰

A criação de uma avenida de acesso ao centro do povoado, fazia com que o novo espaço perdesse a escala de cotidiano e passasse a ter a escala de monumental, uma entrada principal, desembocando diretamente em frente à suntuosa igreja. É importante ressaltar também, que este espaço público, deixava de ser aos poucos o lugar onde se dava a cultura guarani, ao se transformar em um local das novas representações da igreja face ao projeto reducional dos missionários. Ela se consagra, portanto, como o local da coletividade, das festividades e da religiosidade, que será melhor estudado neste trabalho.

Um dos fatores evidentes de diferenciação na arquitetura das reduções eram as características das igrejas. A presença de padres de diversas localidades da Europa e com diferentes formações, dentre as quais alguns arquitetos, construíram, dentro da tipologia geral, certas características peculiares para cada povoado. Entre eles, o irmão Jean Batista Prímoli, idealizador da Igreja de São Miguel Arcanjo, e que será estudada no capítulo a seguir. E elas serão também, no contexto das

⁷⁰ Trabalho apresentado nas XI Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas. Jesuítas e Missões: Entre Novos e Velhos Mundos. Realizado na PUCRS em setembro de 2006. Animação no site do PROPRATA. Disponível em: <<http://www.proprata.com>>. Acesso em: 18 set. 2006.

reduções jesuítico-guarani, o espaço privilegiado para a introdução de novos valores, enquanto espaço de oração e de súplica pelos já convertidos e, sobretudo, enquanto espaço sagrado de realização de milagres. Conforme Montoya em sua obra *Conquista Espiritual*:

Reunida toda essa gente na igreja, fez-se-lhe um sermão, em que se tratou do verdadeiro Deus, da adoração que lhe é devida da parte das criaturas, e dos enganos do demônio de quão pouco este possa, e das mentiras e ardis dos magos. Terminado o sermão, saiu um padre com a sua sobrepeliz e estola, com os ajudantes levando água benta, e com um grande livro de boa encadernação, no qual passou a ler em latim (...). Incitou-os, em seguida, a fazerem um ato de contrição, por haverem acreditado naquelas bobagens. Estavam todos de joelhos, tendo as mãos postas e fixos os olhos no chão. Fizeram um ato fervoríssimo de aborrecimento a toda a crença vã e idolatria, abraçando somente a verdadeira doutrina ensinada pela Igreja Católica Romana e pedindo perdão em altas vozes a Deus⁷¹.

Na fase clássica das Reduções, a edificação se apoiava em paredes portantes (estrutura onde as paredes são responsáveis por suportar as cargas da edificação e sua cobertura), duplas, executadas em pedra de cantaria, preenchidas internamente com pedras irregulares e barro. As naves laterais eram separadas da central por conjuntos de colunas por maciços que sustentavam arcos de pedra ou tijolos. O forro da nave central geralmente possuía abóbada de berço de madeira e o das laterais com abóbodas de aresta de madeira ou tijolos. Sobre a capela mor, localizava-se uma abóbada de meia laranja, estruturada sobre um tambor de madeira, com coberturas planas. A maior parte das igrejas missionárias possuía apenas uma torre ou campanário, que se localizava independentemente no lado oposto ao batistério.

O relato do abade Ludovico Muratori, contemporâneo deste período histórico, traz também algumas características dessas igrejas:

Hoje nas reduções, podemos admirar construções de pedras e tijolos; alguns dos jesuítas estudaram arquitetura e conseguiram construir catedrais maravilhosas, A maioria delas apresentam três naves e algumas, até cinco, portanto, com cinco altares também. Aos poucos foram introduzindo pinturas, arte e entalhe e hoje, todos os altares apresentam colunas, entalhes em madeira, molduras, imagens e baixo relevo. As paredes eram adornadas com tapetes ou telas com rendas, ou emolduradas em quadros,

⁷¹ MONTROYA, Antonio Ruiz. **Conquista espiritual**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985, p. 109.

onde estavam representados os principais mistérios, da nossa santa religião, para penetrar na mente e no coração dos novos cristãos.⁷²

Quanto ao alpendre, esse é uma dos elementos arquitetônicos característicos das reduções. São encontrados vestígios dessa edificação, tanto nas laterais e no fundo da igreja, quanto nas oficinas, na casa dos padres e dos índios. A imponente arquitetura e seu planejamento impressionam não só pela estética, mas, sobretudo pelo espaço geográfico, centro vital das relações sociais e religiosas. Nas construções das igrejas era considerado o modo de vida dos indígenas e as possibilidades tecnológicas que o meio oferecia, como por exemplo, o uso de cal, que foi posterior ao início da construção do templo de São Miguel, e que facilitaria a construção das abóbadas. Conforme Gutierrez:

Diversos autores partem da hipótese de que o Padre Prímoli traçou o projeto para a cobertura da Igreja de São Miguel, com abóbadas de pedra e ladrilho, isto era possível ainda que improvável, já que Prímoli não era um arquiteto improvisado e sabia das limitações que teria a carência de cal sem aderência adequada, pois somente dispunha de uma cal pobre feita com moluscos e caracóis. A Igreja de São Miguel, coberta com abóbadas de madeira, chegou incólume até a expulsão dos jesuítas⁷³.

A majestosa construção era símbolo de poder, e acolhia a todos, tanto nos momentos de culto e catequese, como casamentos coletivos ou nas festividades dos padroeiros, favorecendo a ambientação que levaria o guarani a permanecer nesse acolhimento. Ela era o elemento vital na configuração da estrutura social e simbólica do povoado missionário, e esta riqueza expressiva identificava a força da evangelização na região.

Conforme relatos de viajantes e dos próprios padres da companhia, era de fato cenográfico o interior (que não será abordado neste estudo) e a fachada da igreja, desta forma pode-se avaliar o efeito visual que causava nos índios. Magnífica, assim era a arte religiosa, que soube, não pela força das armas ou pela violência,

⁷² MURATORI, Ludovico Antonio (1672-1750). **O cristianismo feliz nas Missões Jesuíticas do Paraguai** (1. ed 1743). Tradução: Pe. Faustino Chiamenti. Santa Rosa: Instituto Educacional Dom Bosco, 1993.

⁷³ GUTIERREZ, Ramón. **As missões jesuíticas dos Guaranis**. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória, Unesco, 1987, s/p.

mas através da persuasão, atrair o Guarani à fé e as práticas cristãs. Interessante o que diz Haubert, quanto ao aparato da missa:

A disposição dos fiéis na igreja era organizada; antes da missa, as crianças separadas em filas por sexo, cantavam no átrio e repetiam orações em voz alta. Depois, entravam na igreja pelas portas principais, as mulheres adultas e, pelas laterais, os homens. A nave central era ocupada pelas autoridades, civis (cabildantes, guerreiros e caciques) que tinham direito a cadeiras e podiam assistir à missa sentados. O resto da comunidade podia sentar no chão ou assistir ao ofício de joelhos. Atrás das autoridades civis ficavam os rapazes e, mais ou menos dois metros atrás, acomodavam-se as moças, evitando que houvesse até mesmo um contato visual entre estes. No fundo e nas naves laterais se colocavam as mulheres, e no espaço que sobrava espalhavam-se os homens. Durante toda a missa havia pessoas responsáveis por fiscalizar o comportamento dos índios.⁷⁴

O monumentalismo artístico e arquitetônico, os progressos materiais, econômicos a que os povoados chegaram à segunda metade do século XVII, levaram historiadores de diferentes gerações a se deterem nesta opulência como comprovação do pleno sucesso da missão jesuítica (KERN – PROPRATA). Portanto, foi sem dúvida, na arquitetura que se viu com maior clareza, o grande desenvolvimento artístico e tecnológico dos guaranis, através da igreja que introduziu um movimento cenográfico barroco, de fundamental importância para a proposta jesuítica na região. No próximo sub-capítulo será analisada a Igreja de São Miguel Arcanjo.

9.2 Igreja de São Miguel Arcanjo

“As ruínas da Igreja de São Miguel são tão importantes quanto às do Coliseu e da Acrópole. É o testemunho mais importante e bem conservado da arquitetura jesuítica missionária”.⁷⁵

⁷⁴ HAUBERT, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões. Séculos XVII e XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 258.

⁷⁵ Roberto Di Stefano, Consultor da UNESCO. Os remanescentes da Igreja de São Miguel e a edificação do Museu das Missões foram inscritos no Livro de Tombo de Belas Artes em 1938 e consideradas Patrimônio Mundial pela UNESCO em 2 de dezembro de 1983. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 03 ago. 2006.

A igreja de São Miguel (ver Figura 11) foi construída em etapas sucessivas e sofreu modificações ao longo do tempo. Diversos autores pressupõem que a construção do templo teve início em 1735 e que tenha sido concluída em torno de 1744. Primeiro, foi construída a nave; depois a torre e, posteriormente, o pórtico. As diferentes etapas da construção são evidentes e é possível observar a justaposição de cada uma das partes sobre as demais. Pela tradição das igrejas missionárias, esta também apresentava rica e colorida ornamentação interna.

Projetada por Jean Batista Primoli⁷⁶ em 1735, época do florescimento de todas as reduções do Paraguai. A Igreja de São Miguel tinha em sua fachada principal, características da arquitetura barroca, e decorada com pilastras e capitéis com formas jônicas, flores e folhas nativas. Claudete Boff traz detalhes sobre essa decoração quando pesquisa o acervo do museu das Missões:

[...] a folha de alcachofra substituindo a folha de acanto, nos capitéis; os frutos da região, como o apepu (espécie de laranja nativa), decoravam as portadas. A sutileza dessas inserções é decorrência da identificação do autor de tal produção com o ambiente em que estava inserido.⁷⁷



Figura 10 - Igreja de São Miguel – 1846 – Demersey⁷⁸

⁷⁶ Nascido em Milão, chegou ao Brasil por volta de 1730. Francisco de Ribeira é também citado como possível autor/colaborador na construção da igreja e José Grimau como autor do Pórtico.

⁷⁷ BOFF, Claudete. **A imaginária guarani: o acervo do museu das Missões**. Santo Ângelo: EDIURI, 2005, p 104.

⁷⁸ CUSTÓDIO, Luiz A. Missões Jesuíticas Arquitetura e Urbanismo. Memorial do Rio Grande do Sul. **Caderno de História**, n. 1. A gravura mostra a situação da catedral em 1846. Desenho do viajante francês Demersay, publicado no Atlas de seu livro "Histoire Physique, Économique e Politique du Paraguay et des Établissements des Jésuites".



Figura 11 - Reconstituição da Igreja de São Miguel Arcanjo⁷⁹

E ainda conforme nos conta Haubert:

Sua fachada ornada de estátuas e colunas faria a fama de qualquer cidade européia. Aproximadamente cem operários trabalharam nessa obra durante dez anos. As paredes com três metros de espessura, são percorridas por galerias internas. Só uma outra igreja é inteiramente de pedra talhada, a de Trindade. Como não há cal na região, as pedras, na maioria das vezes, são encastradas engenhosamente umas nas outras.⁸⁰

Desta forma, são as notáveis concepções de sua fachada que introduz o movimento cenográfico barroco com uma correção ótica incrível, assim como o pórtico que foi introduzido posteriormente, assinalando a abertura estilística para propostas ainda não experimentadas nas Missões.

⁷⁹ FALLAVENA, 2007. Reconstituição da Igreja de São Miguel Arcanjo - século XVIII. Trabalho de animação gráfica.

⁸⁰ HAUBERT, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 195.

Logo abaixo do frontão triangular, linhas curvas com volutas, como as da Igreja de Jesus de Roma⁸¹ unem a fachada ao pórtico, em estilo renascentista. Composto por colunas com cinco arcos plenos, o pórtico tem seu frontão encimado pela imagem de São Miguel ao centro, o qual foi projetado pelo arquiteto José Grimau, auxiliado por Francisco Rivera e Diego Palácios. Segundo o Capitão Espanhol D. Francisco Graell, que visitou a Igreja de São Miguel em 1756:

A igreja é muito grande, toda em pedra grês, com três naves em meia-laranja, muito bem pintada e dourada, com um pórtico magnífico e de belíssima arquitetura; as abóbadas em forma de meia laranja são de madeira; o altar-mor é de entalhes sem dourar, faltando-lhe a última parte: no cruzeiro há três altares esculpidos, dois em estilo italiano, também dourados.⁸²

O alpendre é um dos elementos arquitetônicos característicos das reduções. Existem vestígios dessa edificação, tanto nas laterais e no fundo da igreja, quanto nas oficinas, na casa dos padres e dos índios. A grandiosa arquitetura e seu planejamento impressionam não só pela beleza estética, mas também pelo espaço geográfico, local importante para as relações sociais e religiosas da redução. A majestosa construção era símbolo de poder e atração, e a todos recebia nos momentos de culto e catequese, nas festas, sempre favorecendo a ambientação do guarani.

Assim, a Igreja de São Miguel Arcanjo, constitui juntamente com outros conjuntos arquitetônicos, um importante testemunho da obra jesuítico-guarani na região (ver anexos A), tal qual um castelo feudal na Planície Missioneira. Não só o persuasivo catequizador do gentio, como também o guardião da fé, ela é uma variante do vassalo, intermediário entre o Guarani e o Senhor que está no céu. A construção era a premissa maior, na sua estrutura arquitetônica da grandiosidade de Deus, do seu amor, e do seu castigo, visando, através da imponência, a premissa

⁸¹ A Igreja de Gesù em Roma (1571), serviu de modelo para a Igreja de S.Miguel. Vignola, arquiteto responsável por esta igreja, foi considerado o grande arquiteto da Companhia, tendo inclusive seus livros e tratados de arquitetura enviados à América. O tipo arquitetônico utilizado na Igreja de Jesus traz alguns traços da renascença, como o frontão triangular, onde se encontra o brasão Farnese (do Cardeal Alessandro Farnese) e, sobre a porta maior, um escudo com o monograma da Companhia de Jesus. A planta em cruz latina lembra a tradição da Idade Média, e as volutas do frontispício denotam um caráter claramente barroco.

⁸² GRAEL, Francisco. **O passado missioneiro no diário de um oficial espanhol**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

melhor (consciência) do indígena de que era pecador, bem como, de que necessitava salvar-se. E nada mais oportuno de que um Templo, que se impunha majestosamente, uma concretização em pedra e cores do infinito amor de Deus.

Portanto a “Casa de Deus” era um elemento vital na configuração da estrutura social e simbólica do povoado missioneiro e esta riqueza de expressão identificava a força do processo evangelizador que se impunha aos indígenas. No próximo capítulo será analisada de que forma a arte contribuiu para a conquista espiritual de que fala Montoya.

10 ARTE E EVANGELIZAÇÃO

10.1 A Idéia da Arte Servindo à Religião

Conforme este estudo quer demonstrar, a conquista espiritual⁸³ empreendida pelos jesuítas, contrariamente à conquista armada, se fez preferencialmente pela persuasão. E é neste encontro específico, tendo de um lado, as populações indígenas, povo semi-nômade, disperso e indefeso, e de outro, o missionário catequizador, a serviço da Coroa, que ocorre a atração para a fé e para a catequese. Momento este que se dá através da arte barroca, o cenário idealizado e erguido monumentalmente através da grande protagonista: a igreja. Para Haubert, o encontro se definia assim:

O milagre desses milhares de índios governados por dois padres estrangeiros, longe de qualquer socorro militar espanhol, explica-se, portanto, evidentemente pelo respeito de seus paroquianos e súditos; só existe submissão porque, no conjunto, a autoridade não é opressiva, nem arbitrária, nem caprichosa, e porque é exercida para o bem dos guaranis.⁸⁴

A primeira ação missionária, após conquistada a confiança e a amizade dos indígenas, consistia no ensino da religião. Os métodos e os instrumentos da evangelização entre outros, abrangiam tanto os sermões e o catecismo, quanto os recursos do teatro, da música, da dança, das festas e das artes em geral. Tudo usado para melhor cativar e assim evangelizar os nativos. Pois, conforme Kern: “Evangelizar e civilizar os indígenas pagãos foram os principais objetivos das Missões religiosas na América espanhola, dentro do espírito de cruzadismo que ainda imperava tanto na Espanha como em Portugal, transposto agora para as novas terras que se descobriam e povoavam”.⁸⁵

⁸³ “Conquista Espiritual”, título da obra clássica, escrita pelo Padre Antônio Ruiz de Montoya, de 1639, e que tem sido ao longo dos anos, uma das fontes mais importantes a respeito deste tema. Ver trabalho de MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Antonio R.de Montoya: Testemunha de seu tempo.** Cidade: Editora, ano, 2001.

⁸⁴ HAUBERT, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 254.

⁸⁵ KERN, Arno. **Missões: uma utopia política.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 97.

Para os inacianos, a arte se apresentava como um instrumento bastante eficiente ao pretendido, que era a catequização do guarani. Através dela eram criados não só os valores da fé e da religião, como também, os comportamentos exigidos pela Companhia de Jesus. Em uma sociedade sem escrita como a Guarani, o uso de imagens cristãs nas pregações e nos sermões, colaborava para a conversão dos indígenas e sua total integração às práticas religiosas. “... tudo ensinar através de representações visuais”.⁸⁶

Para Claudete Boff, em “A Imaginária Guarani” (2002):

As imagens tinham a função de dar apoio à catequese. Elas supriam os ensinamentos que muitos não alcançavam através da leitura, pela complexidade dos conceitos envolvidos, pela dificuldade de tradução ou também por não conseguirem decodificar as prédicas e a escrita. Sabe-se que nem todos os índios reduzidos freqüentavam a escola. Esse privilégio era reservado aos filhos dos caciques, aos músicos, sacristãos, artesãos, administradores e oficiais mecânicos. A catequese muda e eloqüente foi, assim, o elemento maior de cristianização.⁸⁷

Quando Gregório I, O Grande, Papa do século VI, constatando a dificuldade de fazer chegar a palavra de Deus a uma população, sobretudo analfabeta, proclamou que a imagem é a escrita dos iletrados, fez dessa imagem, da figuração sacra, um texto para ser lido e entendido por toda a vasta cristandade, desde a regência ao povo - um processo de evangelização que tinha como suporte os muros sagrados dos edifícios de Deus.

Voltando ao século XVI, havia a pretensão de criar espaços destinados a uma vida regida pelos padrões da moral cristã, e esta proposta estética, envolvia política, moral, religião e arte como partes de uma realidade que se pretendia una. Desta forma, muitos foram os procedimentos de persuasão adotados pelos missionários, entre eles, os momentos de festa, a cerimônia da missa, procissões, sacramentos, cantos, teatro, entre outros, que eram uma oportunidade privilegiada para o exercício de práticas religiosas e também para a construção de representações, tanto por parte dos índios, quanto dos religiosos. Segundo Gutierrez:

⁸⁶ OLIVEIRA, Lizete Dias de. **Iconografia missioneira**: um estudo de imagens das reduções jesuítico-guarani. Porto Alegre, 1993, p. 38.

⁸⁷ BOFF, Claudete. **A imaginária guarani**: o acervo do museu das missões. Santo Ângelo: EDIURI, 2005, p. 40.

Na ideologia barroca, as formas de participação e persuasão integravam os objetivos centrais para o que se definia como o “teatro da vida”. Nesta concepção, a praça se articulava como cenário enquanto o templo se erigia monumental numa cenografia que assimilava desde os estágios da vida sacra e humana à ausência da vida. A projeção do ritual litúrgico às atividades cotidianas, compatibilizava as manifestações barrocas com as formas de expressão do indígena, afeito à música e à dança. Ao mesmo tempo integrava as formas de transferência didática (persuasão) dos conhecimentos religiosos, tingindo de uma cosmovisão totalizadora as atividades ou as relações social e cultural.⁸⁸

Também as relações entre os padres e os indígenas foram permeadas pelo sincretismo cultural e religioso. Não seria possível manter uma convivência tão extensa entre índios e padres (salientado que eram apenas dois jesuítas para um grupo de milhares de guaranis em cada povoado), se não houvesse um mínimo de entrosamento entre eles (ver Figura 12). Porém, os padres também tiveram que ceder muitas vezes, se adaptando as situações novas, reelaborando constantemente seus conhecimentos e estratégias de evangelização a fim de poderem prosseguir em seus propósitos.⁸⁹

Se por um lado, os jesuítas buscavam na arte e na organização do espaço, meios de criar uma nova ordem, também havia aí uma proposta política, pois não só pretendiam inserir estes grupos na lógica cristã, mas também em um modelo de civilização temporal; educando cidadãos para servir ao Estado e as leis da Corte.

⁸⁸ GUTIERREZ, Ramón. **As missões jesuíticas dos Guaranis**. Rio de Janeiro: Unesco, 1987.

⁸⁹ PADRE GARASSE. **Historiador da Companhia de Jesus**. Disponível em: <<http://www.jesuitas.com>>. Acesso em: 13 set. 2007.



Figura 12 - O padre e o índio - Momento de aprender a catequese⁹⁰

Conforme Arno Kern:

A partir da ação evangelizadora e civilizadora dos missionários, o processo de mudança cultural encetado promoveu mudanças sensíveis: a forma da aldeia, os tipos das habitações, o emprego do tempo, as funções sociais, a produção dos bens econômicos, a organização política e o sistema de prestígio e autoridade, as relações entre os sexos, as regras de casamento, etc.⁹¹

As representações artísticas (esculturas, pinturas, teatro, música, dança, etc) faziam parte de uma estratégia em constante transformação, a fim de melhor se adequar aos propósitos de civilização pretendidos pelos padres. A enorme produção artística, entre elas, desenhos e pinturas não foram produzidas somente para o prazer estético, visto que remetiam a uma representação de civilização, e eram inseridos em uma realidade que mesclava uma série de variáveis, impossíveis de serem apreendidas apenas pela análise.

Pela similaridade de alguns elementos simbólicos, os jesuítas pretendiam que o Guarani se identificasse e fosse gradativamente incorporando ou re-elaborando

⁹⁰ FALLAVENA, Marco. **Desenhos da monografia.** Disponível em: <<http://marcosfallavena.vilabol.uol.com.br/>>. Acesso em: 01 set. 2007.

⁹¹ KERN, Arno. **Missões: uma utopia política.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 112.

suas crenças através de referentes religiosos católicos. A utilização de imagens religiosas se dava a partir de um referencial que define a imagem como parte de uma lógica ou concepção de existência associada ao que seria a harmonia e o belo, racionalizada e materializada nos símbolos. E a utilização destas imagens como recurso para a evangelização, pode ser verificada através das leituras das Cartas Anuais.⁹² Elas estão presentes na decoração dos altares e das praças em momentos de festa, assim como são conduzidas pelo povo no momento das procissões.

No momento que os jesuítas descobrem as reações dos Guarani frente à cultura de imagens mostrada por eles, o uso delas e a sua produção aumentam. Por exemplo, existem na documentação, muitas referências à milagres e conversões, onde há a invocação de algum santo a partir de sua imagem.

Houve, portanto, um caráter instrumental das imagens produzidas nas oficinas missionárias. Os jesuítas acreditavam induzir os índios a aceitar o universo imaginário (das artes) para chegar ao universo místico (da religião), utilizando-se para isto, de princípios científicos que ordenassem os diferentes estágios da experiência emocional a fim de formar uma determinada sensibilidade. O espaço redimensionado e re-temporalizado deveria compor um todo, teatralizado e desconectado da realidade anterior, ou seja, da realidade guarani: a natureza, a casa da família extensa, as festas e bebedeiras, etc. Andréa Severo em seu estudo sobre tempo, espaço e representações nas Missões Jesuíticas, concluiu que:

Na arte, na arquitetura, visando educar os sentidos para uma nova realidade. O ideal de criar um espaço sagrado que ultrapassasse os limites da igreja, ganhando a cidade, foi um dos pressupostos que nortearam a ação evangelizadora da Companhia de Jesus.⁹³

Portanto, o apelo à representação religiosa não estava somente nas igrejas, mas fora delas, onde ocorriam as representações públicas de fé e religiosidade. A

⁹² Correspondência escrita pelos padres jesuítas que se encontravam em missão (nas reduções ou nos colégios). As cartas eram escritas em intervalos de tempo de um ano e eram enviadas ao Superior da Província do Paraguai que reunia a informação dos diversos padres, acrescentava mais alguns relatos de suas viagens ou de eventos importantes, e então, enviava ao Geral da Companhia de Jesus, em Roma.

⁹³ SEVERO, Andréa. **Missões jesuíticas guaranis: tempo, espaço e representações**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, 2002, p. 118.

arte seria um meio para atingir um fim e as estratégias utilizadas pelos padres representavam parte de uma política pedagógica institucionalizada pela Igreja Católica e utilizada pelos jesuítas naquele momento. Objetivavam um sistema de representações que tornasse visível os conteúdos religiosos. A decoração abundante, as imagens, a pintura, fachadas, música, teatro, procissões, efeitos de luz e sombras, etc. Tudo feito para atrair o indígena, conforme Kern:

Na decoração das igrejas missioneiras, aceita-se o testemunho dos sentidos, característico da condição humana. E parte-se de uma certa exuberância de formas e cores para influenciar os neófitos e garantir a salvação dos fiéis⁹⁴.

Na América, a ação da Igreja não cumpria um papel reformador no mesmo sentido que na Europa, não estava reagindo contra outras religiões ou dogmas e também não se tratava de uma guerra santa, como as Cruzadas, encarnava muito mais um papel de formação, de instauração.

Sobretudo, no Brasil e na Região do Prata onde não haviam grandes construções como no México (os Maias), ou no Peru (os Astecas). Os padres acreditavam estar fundando uma nova civilização a partir do nada. Os jesuítas pensavam estar criando um determinado padrão de civilização, não propriamente, a imagem e semelhança da Europa em crise, mas um modelo de ordem fundamentado, controlado e limitado pelas leis cristãs e pelos valores ditos civilizados modernos.

Quanto aos catequizados, as crianças (ver em Anexo B) eram as primeiras a serem instruídas e cristianizadas, os jesuítas acreditavam que os adultos, sobretudo, os mais velhos, não conseguiriam nunca desapegar-se totalmente de suas origens bárbaras. E analisando as crianças e a catequese, Haubert diz que:

Diante da impossibilidade de convencer os adultos das verdades da fé, o único recurso dos missionários é, de fato, inculcar seus hábitos nas crianças. Sabe-se a importância que a Companhia de Jesus dá a formação e almas jovens. Desde a chegada dos missionários a um povoado, todo o

⁹⁴ KERN, Arno. **Estruturação do espaço urbano nas missões ibérica do Rio da Prata**. XI Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas. PUCRS, 2006, p. 13.

esforço de sua política e de seu apostolado visa a adquirir o controle absoluto das crianças.⁹⁵

Portanto, às crianças, pretendiam os jesuítas, inculcar a crença sem questionamentos. Era fundamental, ensiná-las e torná-las aliadas na catequização dos adultos, porque os meios e formas de conversão precisavam atingir a todos. E eram elas que se tornavam aprendizes e que executavam as encenações, os cantos e as danças. “O poder dos jesuítas sobre as crianças é quase absoluto. Tudo serve para atraí-las, desde a escola até passeios pelo campo acompanhados de um lanche”.⁹⁶

A maneira encontrada foi através das artes tidas como meio mais eficaz de chegar às emoções. A arte foi amplamente utilizada como instrumento pedagógico, como forma de ordenação e disciplinarização das emoções e das crenças. O objetivo dos padres era sensibilizar, humanizar para que a receptividade aos valores cristãos fosse mais fácil.

Através das artes, os padres pretendiam, não só ensinar os valores cristãos, mas contar parte da história da igreja católica, de seus feitos e de seu prestígio, levando o índio a aceitar-se como parte desta história. A arte e a arquitetura visavam justamente educar para uma nova realidade, como meios e não fins, pelos quais se empenhavam os missionários, ensinar o índio quem deveria ser ordenando sua ação no espaço e no tempo. Conforme Gutierrez:

A projeção do ritual litúrgico às atividades cotidianas compatibilizava as manifestações barrocas com as formas de expressão do indígena, afeito à música e à dança. Ao mesmo tempo integrava as formas de transferência didática (persuasão) dos conhecimentos religiosos, tingindo de uma cosmovisão totalizadora as atividades de produção mais simples ou as relações social e cultural.⁹⁷

Assim, a arquitetura, a música, o teatro, as procissões, as artes em geral, faziam parte do cotidiano missionário e ordenavam a vida diária. E da mesma forma

⁹⁵ HAUBER, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 181.

⁹⁶ Ibid., p. 175.

⁹⁷ GUTIERREZ, Ramón. **As missões jesuíticas dos Guaranis**. Unesco, 1987.

que a imagem teve um valor persuasivo, a arte religiosa pretendia levar à Deus e justificava-se por seu valor educativo em relação as coisas sagradas.

E foram muitos os jesuítas que se dedicaram a ensinar diversos tipos de artes nas reduções. Numerosos foram os que chegaram às missões e já eram conhecidos na Europa por sua habilidade num ou noutro domínio técnico ou artístico. Contribuíram de tal forma para a excelente formação dos guaranis, que a cultura geral das missões jesuítas ultrapassava aquela de algumas cidadezinhas espanholas. Eis alguns nomes destes jesuítas, entre os mais famosos: Primoli, arquiteto e responsável pela construção da Igreja de São Miguel, Brassaneli, também arquiteto, pintor e escultor, Padre Sepp, fundador da Redução de São João Batista, músico e considerado o pai da siderurgia. E outros geógrafos, botânicos, médicos, especialistas em armas e zoólogos, chamados pelos jesuítas para ensinar os guaranis. Todos eles se fizeram guaranis com os guaranis para civilizá-los.

Desta forma, algumas representações se tornaram verdadeiros espetáculos, onde havia música, canto, dança, figurinos, cenários, e não se restringiam ao interior das igrejas, tornavam-se grandes eventos públicos, reunindo centenas de pessoas. Portanto, a multiplicidade de manifestações artísticas é parte do propósito, onde a diversificação era considerada como possibilidade de ampliar os recursos persuasivos. E ao povoar o mundo indígena de novas imagens, os padres transformavam sem dúvida, seu modo de viver. Nos capítulos seguintes, serão estudados alguns recursos utilizados pelos padres jesuítas no propósito da catequização do indígena.

10.2 A Música nas Missões

A música foi um dos meios utilizados pelos jesuítas no intuito da catequese. Inicialmente o ensino de pequenos cânticos era direcionado para as crianças guaranis, reforçando sempre o aprendizado, fazendo-as repetir por toda a aldeia e

em suas habitações, sobretudo ao levantarem-se e ao deitarem-se, espalhando, desta forma, a fé e a crença nos mais velhos.

Inúmeros documentos registraram a vocação artística dos guaranis. Entre eles, as Cartas Anuais e os escritos dos Padres, Paucke e Sepp. Conforme Sepp conta, “em São João Batista há um menino de doze anos que toca com habilidade as sonatas mais difíceis compostas pelos melhores músicos europeus”.

Havia muita sensibilidade para a música e o canto, e este foi o principal fator, através do qual, os missionários traduziram a doutrina cristã em cânticos no idioma nativo, cujo objetivo maior era o de atrair o indígena. Para Padre Sepp:

[...] quem instruiu esses pobres índios a rezar o santo Padre Nosso, a cozer o pão, a fazer roupas, a cozinhar, a pintar, a fundir sinos, a tocar órgão e harpa, quem os ensinou a fazer verdadeiros relógios, que não só dão as horas inteiras, mas até os quartos de hora, quem lhes ensinou tudo isto, também os instruiu na música: foram os primeiros padres missionários, nossos santos predecessores.⁹⁸

A música era executada nas igrejas, por orquestras e coros de índios (ver Figura 13) que reproduziam instrumentos musicais europeus e americanos. As missas eram acompanhadas por corais e músicos tocando harpas e violinos.⁹⁹ Conforme Haubert, “não há missa sem cantores e músicas¹⁰⁰”. Todos os povoados indígenas tinham seu coro, sua banda de música e seus orfeões de instrumentos de corda, com 30 ou 40 músicos em cada redução. As músicas eram inicialmente de origem espanhola. Mais tarde, receberam influência italiana.

Com a chegada do Padre Antonio Sepp¹⁰¹ à Região em 1691, tem-se um momento muito importante, pois foi ele que deu novo impulso e novos rumos à

⁹⁸ SEPP, Antônio S. J. **Viagens às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. Biblioteca Histórica Brasileira. São Paulo: Livraria Martins, 1972.

⁹⁹ PREISS, Jorge H. **A música nas Missões Jesuíticas nos séculos XVII e XVIII**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1988.

¹⁰⁰ HAUBERT, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões. Séculos XVII e XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 181.

¹⁰¹ Sepp nasceu em 1655 e desde cedo aprendeu música, estudou canto e a técnica dos instrumentos mais diversos. Entra para a Companhia aos 19 anos e em 1689 é destinado à Província do Paraguai. É na obra “Viagem às Missões Jesuíticas”, que Pe Sepp nos fornece não só dados importantes sobre a música, como também sobre o uso de instrumentos pelos índios Guaranis.

música nas Missões. É sabido que este padre de personalidade fascinante e detentor de uma cultura geral, não só ensinava a tocar os instrumentos como também a construí-los. “Todos os instrumentos, de fabricação muito cuidada, saíam das oficinas guaranis”.¹⁰²

Para este Padre, os Guaranis eram feitos para a música:

Estes índios paraguaios são, por natureza, como que talhados para a música, de maneira que aprendem a tocar com surpreendente facilidade e destreza toda sorte de instrumentos, e isto em tempo brevíssimo. No que concerne ao mestre, quase o dispensam de todo. Basta que se lhes dê um trecho para ensaiar, que aos poucos o tocarão, sem omitir as passagens e saltos mais difíceis.¹⁰³

Sepp desenvolve e instala o Barroco musical nas Reduções. Conforme Pe. Furlong: *“La gloria de haber dado um gran e poderoso impulso a la fabricación de tales instrumentos corresponde muy particularmente a um exímio Jesuita alemán, el P. Sepp.”*¹⁰⁴

Em 1639, o Pe. Montoya escrevia: “são notavelmente aficcionados à música, oficiam as missas com um aparato musical a dois e três coros; esmeram-se em tocar instrumentos”.

Em 1717, chega à região o compositor e músico italiano Domenico Zipoli, que também foi organista da igreja dos jesuítas, em Córdoba – Argentina, cidade onde morreu em 2 de janeiro de 1726.¹⁰⁵ Máxime Haubert versa sobre os cânticos e sobre as representações nas Missões:

Quando os guaranis encarregados de conduzi-los até as reduções chegam, não tem menos recursos para festejar os novos pastores: cantam com infinita delicadeza, fazem representações, dançam, executam exercícios militares elaborados com uma minúcia surpreendente. Porém, o que

¹⁰² PREISS, op. cit., p. 27.

¹⁰³ SEPP, Antônio S. J. **Viagens às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. Biblioteca Histórica Brasileira. São Paulo: Livraria Martins, 1972, p. 185.

¹⁰⁴ FURLONG, Guillermo. **História social y cultural del Rio de La Plata 1536-1810**. Buenos Aires: Tipografía Editora Argentina, 1969, p. 67.

¹⁰⁵ Domenico Zipoli nasceu em Prato, Florença, em 17 de outubro de 1688. Depois de ter sido nomeado para a igreja dos jesuítas, em Roma foi ordenado padre da ilustre Companhia, embarcando para a América do sul. Biografia e discografia. Disponível em: <<http://www.haendel.it/compositori/>>. Acesso em: 18 set. 2007.

realmente arranca lágrimas de alegria é a devoção à igreja e a perfeição com que os cânticos exprimem a glória divina. Como deve ser bela a cristandade forjada pelos jesuítas nas florestas da América do Sul.¹⁰⁶

É importante salientar que faziam parte desta elite aprendiz os filhos dos caciques, um ponto estratégico, visto que o objetivo dos missionários era atrair o maior número de neófitos para a catequese. Portanto, nada melhor do que os filhos da autoridade máxima dentro do povoado, exercitando a prática musical e de outras artes, conforme identificamos no trecho abaixo:

Principalmente pela música e pelo canto, os missionários parecem reproduzir os Prodígios de Orfeu na América. Entre os guaranis, tudo começa por algumas flautas, que os missionários mandarão fabricar logo que chegam, a fim de ensinar música aos pequenos estudantes.¹⁰⁷

Com o tempo, a música passa a ser tocada em muitos instrumentos, entre eles, harpas, órgãos e violões. Assim, a música funcionou como um atrativo a mais para o chamado à religião pelos missionários, pois conforme Padre Paucke: “até os que não eram batizados vão à igreja só para ouvir a música, os músicos são o chamariz para que muitos entrem nas igrejas, o chamariz de que se servem os missionários para atrair paroquianos às igrejas”.¹⁰⁸

¹⁰⁶ HAUBER, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 254.

¹⁰⁷ HAUBER, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 128.

¹⁰⁸ Sobre o missionário: quando foi enviado pela Ordem dos Jesuítas para o recôndito Chaco, em 1748, Florian Paucke (1719–1779) viu-se diante de um povo de guerreiros nômades que desaprovava a idéia da criação de uma colônia. Mesmo assim, Florian Paucke conseguiu fazer de San Javier um povoado próspero. Paralelamente às suas atividades missionárias, o padre fazia anotações sobre a flora, a fauna e o cotidiano da região. Estes documentos interessantes encontram-se hoje nos arquivos da província de Santa Fe e podem ser consultados via Internet. Em 1767, como os demais jesuítas, Paucke teve que abandonar o país, apesar dos protestos dos índios, seus antigos adversários. Disponível em: <<http://www.folkloredelnorte.com.ar/arte/paucke.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2007.



Figura 13 - O Jesuíta e o Coral de Guaranis¹⁰⁹

10.3 O Teatro

Um meio muito eficaz utilizado pelos jesuítas para a formação e cristianização dos guaranis foi o teatro. As representações teatrais levavam em conta o lado moral e literário. Com o teatro, as obras literárias não seriam apenas lidas, mas poderiam

¹⁰⁹ FALLAVENA, Marco. **Desenhos da monografia.** Disponível em: <<http://marcosfallavena.vilabol.uol.com.br/>>. Acesso em: 01 set. 2007.

ser vistas, residindo aí a magia teatral da qual se esperava que deixasse marcas profundas no coração dos indígenas.

Nas pesquisas de Edélcio Mostaço identifica-se momentos desse teatro nas Missões, conforme trecho abaixo:

“O teatro missioneiro, imbricado com a catequese promovida pelos jesuítas, aproveitou formas ibéricas já conhecidas, especialmente os autos-sacramentais, mesclando-as com formas e conteúdos da cultura guarani”.¹¹⁰

Os jesuítas praticavam o “teatro de colégio” e o “das missões”. o primeiro como atividade pedagógica regular, emanado do *Ratio Studiorum*¹¹¹ que orientava toda a atividade pedagógica, e o segundo como apresentações públicas, destinado a amplas camadas da população e associado às festas, comemorações e dias santificados. A capacidade emotiva do teatro de arrebatá-los os sentidos tanto daqueles que estavam no palco, como os que estavam na platéia, era a força empolgante das boas encenações teatrais. Os temas eram, conforme o Instituto da Companhia, quase sempre religiosos e extraídos da Escritura Sagrada.

Eliana Fleck, em seu estudo sobre a representação do espaço reducional no Paraguai, também cita o teatro e as encenações:

As visões e os sonhos dos indígenas registrados pelos missionários jesuítas estão evidentemente associados aos sermões, aos conselhos e às advertências feitas aos transgressores ou vacilantes, bem como às encenações teatrais que, constituindo-se em verdadeiros espetáculos de exaltação religiosa, predispunham os indígenas a externar publicamente suas culpas, arrependimento e louvor a Deus.¹¹²

¹¹⁰ O teatro nas Missões Jesuíticas – uma nova perspectiva sobre o teatro no Brasil Colônia. Coordenação: Prof. Dr. Edélcio Mostaço. CEART – Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/projetos/artes_cenicas/estetica_recepcao_historia/edelcio.htm>. Acesso em: 08 maio 2007.

¹¹¹ O método de ensino intitulado Ratio Studiorum, elaborado pelos jesuítas no final do século XVI expandiu-se rapidamente pela Europa e pelo Novo Mundo. Os jesuítas utilizaram-se deste método para catequizar, servindo duplamente aos interesses do colonizar e da igreja contra-reformista. The Jesuit Ratio Studiorum of 1599. Disponível em: <http://www.bc.edu/bc_org/avp/ulib/digi/ratio/ratiohome.html>. Acesso em: 10 maio.2007.

¹¹² FLECK, Eliana C. **Corpos piedosos em barrocas igrejas – um estudo das representações do espaço reducional do Paraguai no século XVII.** Unisinos. Disponível em:

Mas foi, sobretudo, no drama que a ação jesuítica mais se fez sentir. Nas palavras de Coutinho, os jesuítas:

Apoderaram-se do palco, transformando-o numa formidável arma de penetração educativa e de difusão de idéias. Aproveitando-se da reforma que se vinha operando no teatro, eles a elevavam à seus últimos desenvolvimentos, não só nos palcos públicos mas auditório e atores, obscurecimento e uso de artifícios para tirar certos efeitos, como o trovão e o relâmpago para dar a impressão de milagre.¹¹³

Portanto, os jesuítas se utilizavam do teatro com um revestimento barroco – os antigos dramas – e tal constatação se evidencia na concepção dos temas, nos ornamentos e artifícios e na preferência pelas encenações da morte, do céu e do inferno.

Também se apresentam óperas em espanhol, que tem como temas ações heróicas pias. Todos os papéis são masculinos. A encenação estilizada permite em geral muito espaço à dança e compreende-se que os dois gêneros se confundam mais ou menos, com a coreografia quase sempre se inspirando na alegoria edificante.¹¹⁴

O próprio fundador da Companhia de Jesus, Padre Inácio de Loyola, declara-se admirador do teatro e possuía tal confiança nesta forma de expressão.

Colocando ao alcance de seus sentidos as realidades terrenas que os encaminhassem para as altas realidades espirituais, inferno e paraíso, castigo ou recompensa, neste ou noutro mundo, do pecado ou da virtude, com as suas testemunhas, anjos e demônios e, freqüentemente, com a intervenção da Virgem Maria.¹¹⁵

Da mesma forma, se manifesta o Padre Sepp, com relação a mágica do teatro, para ele as cenas teatrais deveriam suscitar nos neófitos sentimentos que os trariam episódios da vida dos santos. Esta documentação revela a manutenção dos procedimentos de persuasão adotados pelos padres jesuítas, apontando para o uso dos recursos cênicos na assimilação dos mistérios da igreja e nas demonstrações pelos indígenas.

<<http://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/actas/3cibi/documentos/079f.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2007.

¹¹³ COUTINHO, Afrânio. **Do barroco**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994, p. 121-122.

¹¹⁴ HAUBER, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 282.

¹¹⁵ FONTANA, Jerson. Sobre o teatro missioneiro. Suplemento Cultural, Santo Ângelo, 1997.

Desta forma, as representações teatrais pretendiam rememorar experiências religiosas católicas a fim de historizá-las, tornando-as parte de uma memória que o índio deveria formar. As encenações teatrais exaltavam a história de glórias da igreja católica, do Deus cristão, de seu filho Jesus, de seus santos mártires e de todas as lutas travadas pela igreja. Foi utilizada uma técnica eficaz de conversão para explicar e divulgar o conteúdo da fé cristã. “Episódios da História Santa foram inteiramente encenados pelos indígenas: eles criavam a decoração, a música, os cantos e inclusive os atores”.¹¹⁶

Suas implicações diretas nas representações teatrais explicam a eficácia do espetáculo e seu impacto sobre o público convidado a participar da ação.

E dando continuidade ao processo de atração para a fé e para a catequese, a seguir serão analisadas as festas e procissões nas Reduções Jesuítica dos Guarani.

10.4 As Festas

Quando surgiram as primeiras aldeias Jesuítico-Guarani, novas festas vieram substituir as de tradição indígena. Despontaram outras celebrações, todas associadas à religião e trazidas da Europa pelos Padres Missionários. As festas nas Reduções do Paraguai constituíram-se pelo seu caráter de doutrinação. Eram comemorações marcadas por datas significativas e que foram usadas como ferramentas para a catequização dos índios. Maria Cristina Martins em sua recente obra *Sobre Festas e Celebrações nas Reduções* diz:

A igreja inundou os espaços de sua atuação com elementos do sagrado. Ela extrapolou os limites constitucionais: para penetrar na esfera do cotidiano, marcando o domínio do tempo com o toque dos sinos, cristianizando estradas com cruzeiros, regulando o calendário por meio de festas em que se

¹¹⁶ BIASE, Alessia de. **Ecole d'Architecture de Paris/La Villette – França: ficções arquitetônicas para a construção da identidade.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n16/v7n16a10.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2007.

deviam entoar cantos cristãos, segurar velas e gemer pela morte de Jesus.¹¹⁷

Entre os vários momentos de celebração nos Povoados, estão, entre os mais importantes, os dias santos, as festas do calendário cristão e o Corpus Christi com sua procissão (ver Figura 14). Martins em sua análise sobre as festas no Povoado Missioneiro, caracteriza a Procissão:

Muito mais felizes que os gregos (que nem tem procissão de Corpus) são os cristãos do Paraguai e não haverá quem ao ver sua piedade na festa e procissão do Corpo de Cristo, não se sinta comovido com intimo e suave afeto de consolação¹¹⁸.

Da mesma forma, as visitas das autoridades às Reduções se constituíam em um momento muito especial para a população indígena. Todos os casos citados eram motivos para se comemorar, com cantos, missas solenes, encenações cenográficas e procissões tocantes.

Para Fleck, sempre havia um motivo para festejar: “E festejou-se nas reduções sempre que foi possível”.¹¹⁹

Conforme Martins, “elas são freqüentemente lembradas na historiografia, pela sua solenidade, pela beleza dos ofícios religiosos que as acompanhavam, pela qualidade dos corais religiosos que entoavam as músicas sacras e pela participação comprometida dos celebrantes”.

¹¹⁷ MARTINS, Maria Cristina. **Sobre festas e celebrações:** as reduções do Paraguai (séculos XVII e XVIII). Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006, p. 137.

¹¹⁸ Ibid., p. 173.

¹¹⁹ FLECK, Eliane Cristina. Sobre martírios e curas: medicina e edificação nas reduções jesuítico-guaranis (século XVII). **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXXI, n. 1, 2005. Disponível em: web em Revistas Eletrônicas da PUCRS.

O primeiro Concílio do Rio da Prata,¹²⁰ realizado em Assunción no ano de 1603, já determinava a importância das festas religiosas nas Missões. Para as autoridades civis, as festas se configuravam em uma forma de divulgar e implementar a doutrina cristã. E este caráter de catequese que possuíam as celebrações nos povoados, aparece sempre nos registros dos padres. A organização dessas festas e procissões está presente tanto nos relatos dos missionários através das Cartas Anuais, como nos escritos do Padre Montoya, uma testemunha de seu tempo. A obra “Conquista Espiritual” de Montoya traz informações sobre como estas práticas festivas atuaram na integração dos convertidos à religiosidade.

Os momentos de festa eram uma oportunidade privilegiada para o exercício da religiosidade, e os padres se utilizavam deste recurso para a construção de representações, com o intuito da catequese. Segundo Martins: “Os homens da igreja percebiam que, em seus apelos sensoriais, as festas eram uma excelente oportunidade para falar-lhes de Deus”.¹²¹

E neste contexto de festa na Redução, se inseria também o aprendizado para o canto. Conforme Instruções de Diego de Torres Bollo (1609-1610)¹²², os índios eram solicitados a cantar e a dançar por ocasião das cerimônias festivas. E conforme este provincial, o aparato das festas era a maneira de propagar nos indígenas as verdades da fé.

Todos estos neófitos han comprendido bien la doctrina de los Padres, según el fervor que demuestran en el servicio divino, celebrando las fiestas principales con piadosa emulación en los preparativos, y perfeccionando cada vez más, la hermosura de sus templos. Acompañan las misas solemnes con canto, lo mejor que se puede exigir. Atraídos por estas

¹²⁰ Em 1601, o superior da Companhia de Jesus decidiu reunir as regiões do Rio da Prata, Tucumã e Chile, numa Província independente, com o nome de Paraguay, para a qual foram definidas diretrizes em 1609 e 1610. O Primeiro Concílio tem nesse contexto, uma importância fundamental, por estabelecer as metas a serem alcançadas pelos missionários, as orientações e os meios a serem empregados para a doutrinação dos índios. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1324/1029>>. Acesso em: 01 abr.2007.

¹²¹ MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Sobre festas e celebrações**: as reduções do Paraguai (séculos XVII e XVIII). Passo Fundo: UPF, 2006, p. 109.

¹²² Essas Instruções renovaram as metas estabelecidas em 1603 e reforçaram determinadas orientações quanto à metodologia a ser empregada pelos missionários.

solemnidades exteriores y ayudando la divina gracia, se aficionan cada vez más a los misterios de nuestra santa fé.¹²³

É importante salientar que as festas tinham um caráter instrumental, pois serviam ao propósito da catequese, já citado, assim como eram as artes em geral, a música, o teatro e a arquitetura. Portanto, conforme Maria Cristina Martins, a festa da Redução é vista unicamente como uma festa reduzida pela sua marcada intenção catequética. Neste processo, era fundamental a sedução, cujos recursos utilizados pelos padres iam desde as encenações, igrejas enfeitadas, arcos, cruces e altares erguidos com pompa e beleza, até a utilização e efeitos de luz e som. É a cenografia barroca marcando o território da festa. É a festa espetáculo utilizado para reforçar o poder e a grandeza da igreja entre os índios do Paraguai.

¹²³ Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile e Tucuman de La Compañia de Jesús. (1609-1614). Extraído de MARTINS, Maria Cristina. **Sobre festas e celebrações:** as reduções do Paraguai (séculos XVII e XVIII). Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006, p. 150.



Figura 14 - Procissão de Corpus Christi¹²⁴

¹²⁴ FALLAVENA, Marco. **Desenhos da monografia.** Disponível em: <<http://marcosfallavena.vilabol.uol.com.br/>>. Acesso em: 01 set. 2007.

“Três meses depois quando o exército dos Sete Povos já havia sido completamente desbaratado numa batalha campal, e os habitantes do povo de Alonzo, desesperados, prendiam fogo à catedral e às casas, para que elas não caíssem inatas nas mãos do inimigo vitorioso que se aproximava – Pedro montou num cavalo baio e, levando consigo apenas a roupa do corpo, a chirimia e o punhal de prata, fugiu a todo galope na direção do grande rio...”

Érico Veríssimo – O Continente

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo deste tema e de seus atores, tentou-se demonstrar como as suas ações foram determinadas pela herança do Renascimento e o apogeu do Barroco. Ambos, movimentos intelectuais nascidos na Itália, e que espalharam sua influência pela Europa, gerando formas e linguagens em diferentes ambientes e pela mão de diferentes personagens. Salientando que todos estes conhecimentos foram trazidos como bagagem cultural para a América, na forma de diretrizes para representação da civilização européia.

Assim, este trabalho se utilizou dos estudos do Historiador Serge Gruzinsky a respeito da “Colonização do Imaginário”, tentando mostrar de que forma o processo de ocidentalização de que fala este autor foi a grande estratégia de conquista utilizada pela Europa. A América Hispânica foi transformada nos moldes das sociedades do Velho Mundo e a conversão do indígena ao cristianismo fez parte desse processo.

A impossibilidade de uma comunicação efetiva nos primeiros contatos fez com que os missionários utilizassem outras formas de comunicação, sempre procurando usar aquelas às quais os índios demonstravam maior receptividade. Assim, a música e as imagens, por exemplo, foram as primeiras formas utilizadas para aproximação e para o trabalho de convencimento dos indígenas, para que abandonassem suas aldeias e se unissem aos missionários nas reduções.

Quanto à hipótese levantada no início deste trabalho, chegou-se a seguinte conclusão: o Barroco foi utilizado, historicamente, pela igreja católica, na perspectiva monumental, nas imagens do Barroco Missionário, no espaço cenográfico e na teatralização, como suporte às suas ações de persuasão. Expressou-se muito no exagero e no drama, O Barroco fez escola, e deixou no Novo Mundo, um enorme acervo artístico utilizando como tema basicamente a arte sacra.

As reduções foram, portanto, o espaço onde se processou o contato cultural entre o índio e o jesuíta, o qual introduziu uma série de símbolos e valores cristãos na cultura nativa, que se viu obrigada a readaptá-los para que lhe fizessem sentido. Neste contexto, o Barroco europeu da Península Ibérica, ao se mesclar com os indígenas do Sul do Brasil, resultou em um Barroco diferente, um Barroco missionário, como alguns o definem, e que apresenta muitas características da arte primitiva Guarani.

Nos povoados missionários, esse Barroco uniu no espaço físico das igrejas e das praças as manifestações das orquestras, dos coros em latim, da dança e da encenação do teatro, das celebrações sacras, das missas e procissões, e finalmente das festas, com ritos e vestimentas especiais. E para completar o espetáculo, em meio a flores, incensos e velas, o toque dos sinos chamando para o acontecimento.

No final desta análise, os fatos mostram que os donos das vestes negras conseguiram formar um notável empreendimento, quando juntaram mais de cem mil índios Guaranis sob o mesmo sistema, com uma potencialidade extremamente maior do que possuíam as frágeis colônias espanholas e portuguesas da região. E de que forma fizeram esta façanha? Conforme Haubert, “o milagre desses milhares de índios governados por apenas dois padres estrangeiros, longe de qualquer socorro militar espanhol, explica-se, portanto, evidentemente pelo respeito de seus paroquianos e súditos; só existe submissão porque, no conjunto, a autoridade não é opressiva, nem arbitrária, nem caprichosa, e porque é exercida para o bem dos guaranis”.

A conseqüência disso foi um intolerável desprezo mundial que culminou com a expulsão dos jesuítas dos territórios Ibéricos e de seus domínios, para desespero da Companhia de Jesus e de toda etnia Guarani.

Portanto, não foram seus erros, seus excessos, sua incapacidade de formar um clero autóctone, nem mesmo a triste submissão aos poderes europeus, no tocante a uma empresa que não dizia respeito apenas à Companhia ou à espiritualidade, que os condenou ao martírio e ao fim. O que os levou a esta

fatalidade, foi a tentativa de sobrevivência de um povo por eles envolvido numa imensa aventura, e o execrável exemplo de um outro modo de tratar as culturas diferentes, que eles davam às monarquias européias. Parece que os jesuítas foram condenados por aquilo que constituía um dos seus méritos, a saber: sua tenacidade, sua luta, seus meios, sua formação intelectual e seu bom relacionamento com os indígenas.

Quanto ao processo de cristianização, esta foi uma constante após o primeiro contato, definindo assim, uma nova civilização, e uma esperança de sobrevivência mediante as investidas dos mesmos europeus, pois conforme Kern, “*dentre as diversas parcialidades dos tupi-guaranis apenas sobreviveram culturalmente – e mesmo fisicamente – aqueles que se submeteram às Reduções ou que conseguiram afastar-se das frentes de expansão. Portanto o cristianismo representou para os índios a única possibilidade que tinham de continuar sendo Guaranis*”.¹²⁵

“Desapareceram as vestes negras, há muito também se foi a multidão bronzeada de cristãos, dispersou-os a espada sem comiseração... Levou de volta a mata-virgem o que lhe roubaram. E somente a poucos confiam os seus segredos...”

(Anônimo)

¹²⁵ KERN, Arno A.; JACKSON, Robert. **Missões Ibéricas Coloniais: da Califórnia ao Prata**. Porto Alegre: Palier, 2006. p.119.

REFERÊNCIAS

ABOU, Selim. **La República Jesuítica de los Guaranies (1609-1768) y su herencia**. Buenos Aires: Manrique Zago Ediciones, 1996. [Este autor soube captar os vestígios da presença jesuítica ainda entre os guaranis atuais].

ARQUIVOS DA Diplomacia Brasileira: Mapas Históricos. Disponível em: <<http://www2.mre.gov.br/acs/diplomacia/portg/arquivo/mapa030.htm>>

BIASE, Alessia de. **Ecole d'Architecture de Paris/La Villette – França**: ficções arquitetônicas para a construção da identidade. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v7n16/v7n16a10.pdf>>.

Biografia e discografia de Domenico Zipoli. Disponível em: <<http://www.haendel.it/compositori/>>

BOFF, Claudete. **A imaginária guarani**: o acervo do museu das Missões. Santo Ângelo: EDIURI, 2005.

CAPOCHE, Luis. **Relación general de la Villa Imperial de Potosi**. Madrid: Atlas, 1959.

COUTINHO, Afrânio. **Do barroco**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

CUSTÓDIO, Luiz A. Missões Jesuíticas Arquitetura e Urbanismo. Memorial do Rio Grande do Sul. **Caderno de História**, n. 1.

FALLAVENA, Marco. Desenhos da onografia<<http://marcosfallavena.vilabol.uol.com.br/>>

FLECK, Eliane Cristina. Sobre martírios e curas: medicina e edificação nas reduções jesuítico-guaranis (século XVII). **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXXI, n. 1, 2005.

FONTANA, Jerson. **Sobre o teatro missioneiro**. Suplemento Cultural. Santo Ângelo, 1997.

FURLONG, Guillermo. **História social y cultural del Rio de La Plata - 1536-1810**. Buenos Aires: Tipografía Editora Argentina, 1969.

GOLIN, Tau. **A guerra guaraníca**. 2. ed. Passo Fundo: EdiUPF, 1999.

GONZAGA, Sergius. **Nós, os gaúchos**. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1995.

GRAEL, Francisco. **O passado missioneiro no diário de um oficial espanhol**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

GRUZINSKI, Serge. **A colonização do imaginário. Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII**. São Paulo. Companhia das Letras, 2003.

GUTIERREZ, Ramón. **As missões jesuíticas dos Guaranis**. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória, Unesco. 1987.

HAUBERT, Máxime. **Índios e Jesuítas no tempo das Missões. Séculos XVII e XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HISTÓRIA ILUSTRADA do Rio Grande do Sul. Coordenação Elmar Bonés da Costa, Ricardo Fonseca e Ricardo Schmitd. Porto Alegre: RBS Publicações, 2004.

IMAGENS DO Google <<http://www.geocities.com/bandeiras99/mapa3.jpg>>

KERN, Arno. Coleção Arqueologia 1 – v. 2. **Anais...**, da VIII Reunião Científica – PUCRS.

_____. O processo histórico platino no século XVII: da aldeia guarani ao povoado missioneiro. **Estudos Ibero-Americanos**, v. XI, n. 1, 1985.

_____. **Utopias e missões jesuíticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

_____. **Estruturação do espaço urbano nas Missões Ibéricas do Rio da Prata:** uma síntese entre a herança medieval, o espaço urbano do barroco e a tradição dos indígenas guaranis. XI Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas. Porto Alegre, 2006.

KERN, Arno A. Chinoca (ou o legado indígena de gaúchos sem memória). In: GONZAGA, Sergius; AGA, Sergius; FISCHER, Luis A. (Org.). **Nós, os gaúchos.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992, p. 64-70. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/indi/chinoca.htm>>.

KERN, Arno A. **Antecedentes indígenas.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

KERN, Arno A.; JACKSON, Robert. **Missões Ibéricas Coloniais:** da Califórnia ao Prata. Porto Alegre: Palier, 2006.

KERN, Arno Alvarez. **Missões:** uma utopia política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LEITE, Serafim. História da Companhia e Jesus no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938-1950. Livro I.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Sobre festas e celebrações:** as reduções do Paraguai (séculos XVII e XVIII). Passo Fundo: UPF, 2006.

MELIÁ, Bartomeu. **El guarani conquistado y reducido:** ensayos de etnohistoria. Asunción: Universidad Católica, 1988.

MONTOYA, Antonio Ruiz. **Conquista espiritual.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

MURATORI, Ludovico Antonio (1672-1750). **O cristianismo feliz nas Missões Jesuíticas do Paraguai (1ª ed 1743).** Tradução: Pe. Faustino Chiamenti. Santa Rosa: Instituto Educacional Dom Bosco, 1993.

O TEATRO NAS MISSÕES Jesuíticas – uma nova perspectiva sobre o teatro no Brasil Colônia. Coordenação: Prof. Dr. Edécio Mostaço. CEART – Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/projetos/artes_cenicas/estetica_recepcao_historia/edecio.htm>.

OLIVEIRA, Lizete D. **Iconografia Missioneira – Em estudo das imagens Jesuítico-Guarani**. Porto Alegre: 1993. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS. Porto Alegre, 1993.

PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. 2. ed.rev. e melhorada Porto Alegre: Selbach, 1954.

PREISS, Jorge H, A música nas Missões Jesuíticas nos séculos XVII e XVIII. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1988.

PROPRATA – Programa de Pesquisas Interdisciplinares da Região Platina Oriental. <<http://proprata.com>>.

Revista Ciência Hoje. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/3283>>

RODRIGUES, Francisco. **A formação intelectual do jesuíta**. Porto: Livraria Magalhães & Moniz, 1917.

RUYZ DE MONTOYA, Antonio. **Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Arqueologia do RS, Brasil**. <<http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/documentos/documentos05.pdf>>

“SEPÉ TIARAJU, 250 anos depois”. Comitê do ano de Sepé Tiaraju (Org.). 2005. Disponível em: <<http://www.expressaopopular.com.br/pdfs/Sape.pdf>>.

SEPP, Antônio S. J. **Viagens às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. Biblioteca Histórica Brasileira. São Paulo: Livraria Martins, 1972.

SEVERO, Andréa. **Missões jesuítico guaranis: tempo, espaço e representações**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2002.

.THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/h.htm>>.

ANEXO A - Sítio de São Miguel Arcanjo/RS



Detalhes das colunas - Igreja de São Miguel



Detalhes das colunas - Igreja de São Miguel



**Detalhes do frontão triangular
Inspiração na Igreja de Jesus de Roma**



Detalhes da torre

ANEXO B - Menina Guarani

Conhecer as Missões sem ter contato com os índios guaranis é perder grande parte da História. Menina da Aldeia Alvorecer Tekoa Koenjú fotografada no Sítio de São Miguel.

XI Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas - PUCRS/2006

Região das Missões/RS

ANEXO C - Sino de São Miguel



**Sino fundido nos povoados missioneiros
Acervo do Museu das Missões em São Miguel Arcanjo/RS**

ANEXO D – Cruz Missioneira



Símbolo máxima de religiosidade nas Reduções dos jesuítas e guaranis